



**Trilha
formativa**



**NOSSA MISSÃO
É APOIAR A SUA**

2021



Diretor Geral:

Ricardo Tavares

Diretora Educacional, Plataforma e Serviços:

Ceciliany Alves Feitosa

Gerente Educacional de Redes Concessionais:

Elaine Castello

Coordenador Institucional e de Relacionamento Família e Escola:

Vitor Divino André

Consultores Institucionais e de Relacionamento Família e Escola:

Célia Cristina Benato Bitencourt
Gizele Cordeiro de Avelino e Silva
Júlio César de Macedo Souza
Maria Célia Martins Gaspar
Ricardo Alexandre Ferreira
Teogenes Pereira de Brito

Coordenadora Educacional Pool Administrativo Pedagógico:

Ana Paula dos Santos Xavier

Gerente de Campanha:

Clayton Luiz Ferreira de Oliveira

Organizador:

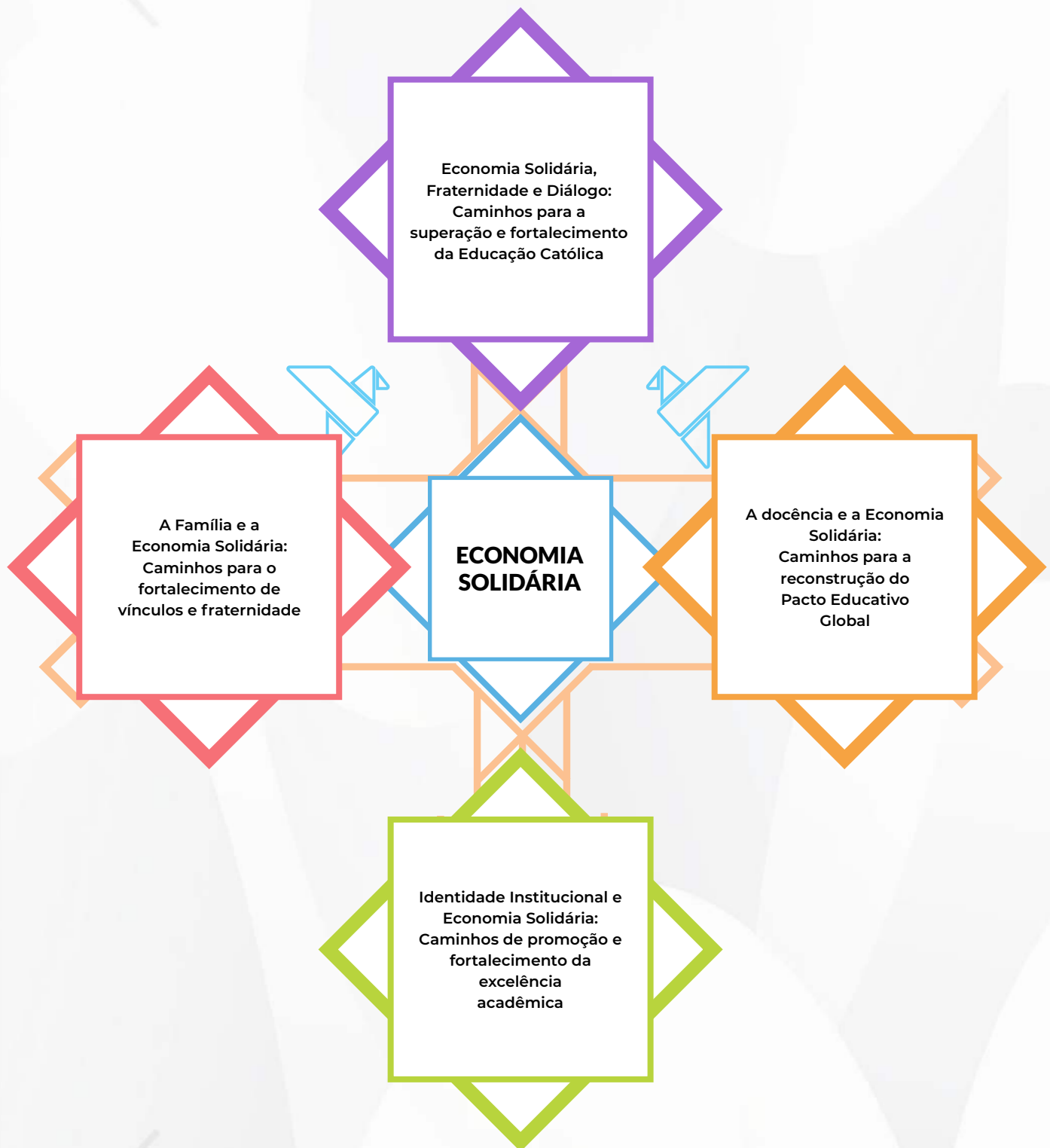
Ailton Dias de Melo

Autores Colaboradores:

Ailton Dias de Melo
Célia Cristina Benato Bitencourt
Eliasaf Rodrigues de Assis
Ricardo Mariz
Roberta Valéria Guedes de Lima
Rodinei Balbinot

Diagramação e Revisão:

B-LAB Learning Space



A FTD Educação atua inspirada no **propósito** do Instituto Marista, fundado por São Marcelino Champagnat, de “Promover a formação de cidadãos éticos, justos e solidários, por meio de uma Educação orientada pelos valores do Evangelho, do jeito de Maria, para transformação da sociedade”, entendendo-se com a **missão** de “transformar nossa sociedade por meio de soluções educacionais conectadas com o futuro, que garantam preparo e prazer no ensino e na aprendizagem de crianças e jovens, propiciando um diferencial na vida das pessoas com nossa Presença Significativa”. Por assim entendermos, percebemos a legitimidade na parceria firmada com instituições de Educação Católica, estando fundamentados, amparados e legitimados pela revelação dos carismas aos seus fundadores/as e a espiritualidade dos seus santos patronos/as.

É de salutar importância que se trabalhe de forma alinhada às expectativas e perspectivas dos organismos eclesiais, da Doutrina Social da Igreja e da Sociedade Civil, que, por sua natureza constituinte, entendem-se como guardiões de uma Educação Católica, que tem seu fundamento em Cristo, com Identidade Eclesial e Cultural, e com excelência acadêmica (cf. DA, 2007).

Dessa maneira, a FTD Educação, partindo de um lugar confessional, fala para um lugar que, em sua natureza canônico-administrativa, é, também, confessional. Assim, as ações de fortalecimento dessas parcerias legítimas não podem limitar-se no campo da adoção de produtos e, conseqüentemente, na entrega de uma matriz de serviços; mas, principalmente, estendendo-se ao compromisso com o alinhamento contínuo e cumulativo da missão carismática, dos valores, da espiritualidade e dos processos educacionais das instituições de Vida Religiosa e Consagrada, que recebem dos seus fundadores a Missão de Educar-Evangelizando e Evangelizar-Educando, ser

uma Boa Notícia, à luz dos valores do Evangelho, das orientações dos Documentos Oficiais do Magistério e dos organismos regulamentadores da Educação.

O cenário atual nos impõe situações adversas: impactos econômicos-administrativos, perdas significativas de alunos – por isso, de receita – e, até mesmo, o fechamento de escolas, fatores somados às fragilidades apresentadas nos relacionamentos institucionais, novos desafios didático-pedagógicos e, sobretudo, a oportuna, necessária e desafiadora adaptação à tecnologia, ao híbrido, ao remoto.

Nesse contexto, é oportuno que se trabalhe alinhado às expectativas e perspectivas dos organismos eclesiais e das instituições confessionais que, em sua natureza canônico-administrativa, receberam dos seus fundadores a missão de Educar à luz dos valores do Evangelho, das orientações dos Documentos oficiais e dos organismos regulamentadores da Educação. É importante, também, levar em conta questões de natureza econômica e de gestão, em vista da perenidade das obras. A partir daí, surge a necessária, significativa e significativa Economia Solidária, objetivando o fortalecimento institucional, a perenidade da Educação Católica em solo brasileiro.

Pertencemos a uma comunidade que empenha toda sua vida e estrutura para propagar a Boa Nova do Evangelho e, em tempos difíceis, como os de hoje, somos convidados/as a voltar ao “primeiro amor” e reavivar em nós o ardor missionário na

Educação. Como irmãos/as e peregrinos/as neste mundo, temos o compromisso fraterno de nos apoiar numa comunhão autêntica e integrada, que compreende desde os aspectos vocacionais aos institucionais. Sabedores da necessidade de ritualização dos processos, na perspectiva da Economia de Comunhão, Ecologia Integral, à luz do Pacto Educativo Global, caminhamos para uma adequada, oportuna, assertiva e fecunda formação integral e integrada, com o objetivo de estarmos bem formados e informados para um posicionamento sólido mediante os desafios, perspectivas e oportunidades dos novos tempos.

Nesta perspectiva, o VIII Encontro Integra Confessionais (2021), realizado de forma remota nos dias 8, 9 e 10 de junho, emergiu da necessidade de estabelecer o diálogo, como “mola propulsora” de uma parceria legítima, para aprimorar processos, ressignificar posicionamentos, renovar o ardor e o compromisso pela Educação Confessional Católica, de modo a posicionar-se, com coragem e determinação, para um resgate do diferencial da Educação Católica e, por isso, caminhar para uma adequada, necessária e urgente adaptação aos desafios, mas, sobretudo, atentamente às perspectivas e oportunidades que esses novos tempos hão de nos trazer.

Pensando na natureza, identidade e alcance do VIII Encontro FTD Integra Confessionais e, simultaneamente, atentos aos apelos e sinais dos novos tempos, pela convocação à travessia no “deserto” da pandemia (em março de 2020), o que a todos e todas atingiu, em menor ou maior grau, no desgaste físico, psíquico e espiritual, percebemos a necessidade e urgência em traçar linhas e diretrizes para ações legítimas e apoiadoras às necessidades das Congregações/Redes em sua Missão Educativo-Evangelizadora, buscando a reconstrução harmônica dos

processos inerentes às instituições confessionais. Olhando, principalmente, para a gestão escolar, em seus aspectos administrativo-econômicos, didático-pedagógicos e em especial apoio aos educadores e educadoras perante os novos desafios e perspectivas, urgentes e emergentes.

Objetivando apoiar e fortalecer os vínculos de parceria com as lideranças das Associações, Congregações e Institutos de Vida Religiosa e Consagrada, suas Mantenedoras e Escolas Confessionais, possibilitando o reconhecimento da FTD Educação como uma empresa parceira, flexível e humana e, por isso, sendo presença significativa na missão educativo-evangelizadora das comunidades educativas à luz dos carismas, da espiritualidade cristã e dos valores do Evangelho, alcançando públicos diversos e diferenciados, nasce a Trilha Formativa Integra Confessionais, organizada em quatro encontros, contemplando os meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. Em cada encontro, tratamos, respectivamente, sobre:

- **Economia Solidária, fraternidade e diálogo:** caminhos para superação e fortalecimento da Educação Católica;
- **A família e a Economia Solidária:** caminhos para o fortalecimento de vínculos e fraternidade;
- **A docência e a Economia Solidária:** caminhos para Reconstrução do Pacto Educativo Global;
- **Identidade institucional e Economia Solidária:** caminhos de promoção e fortalecimento da excelência acadêmica.

O tema catalizador de toda a Trilha Formativa é a Economia Solidária. “Economia” vem de oikos (“casa”) e nomos/nomein (“gerenciar, ordenar”). Se pensarmos globalmente, economia é a ciência, a arte, a sabedoria de gerir nossa casa comum. Economia Solidária é um modo singular de gerir o mundo, que se baseia no cuidado, na justiça, no amor, na cooperação, na equidade, na sustentabilidade. Isso se aplica às diversas instâncias de gestão, começando pela familiar, institucional/empresarial, comercial, e atingindo também os diversos âmbitos do Poder Público.

Precisamos falar de Economia Solidária, primeiro, porque o mercado a monetizou excessivamente, tomando-a toda pelo seu aspecto financeiro e, segundo, porque é necessário repor o sentido mais originário e autêntico da economia, também contemplando seu aspecto teológico. Assim, como convidados e convidadas a adentrar, sobretudo, no aspecto fundamental da Economia Solidária, o teológico, o qual é iluminado pelos documentos da Igreja e, mais recente, pelos caminhos traçados no Pontificado do Papa Francisco, sabemos, acreditamos e nos comprometemos, entendendo ser o caminho possível.

FTD Educação





Cada escola católica, mais do que um passado, possui um histórico, e esse é o fator fundante de sua trajetória no tempo. Carisma, missão e valores são a base de sua construção, estando ou não claros para sua comunidade educativa; necessariamente, devem traduzir-se no cotidiano acadêmico, social, ético, estético, político, econômico, cultural do “lugar” que ocupam. O carisma, de forma especial, exige mais do que excelência acadêmica, dever natural de qualquer escola; trata-se de dar voz, forma e protagonismo àquilo que mantém vivo e pulsante o sentido e o propósito de existência de uma instituição de ensino confessional.

Considerando essa premissa, preparamos sugestões de montagem para a personalização de trilhas formativas na sua rede, sua escola, sua comunidade educativa. São ações encadeadas entre todos os personagens que constituem a comunidade educativa a partir de um conceito base: “Economia Solidária”. Reconhecendo especificidades em cada grupo que compõe o universo educacional, apresentamos, depois de cada temática, ações desdobradas que podem ou não envolver mais de um dos personagens do cenário educacional da instituição confessional. De forma geral, a lógica das propostas, como o próprio conceito de “Economia Solidária” preconiza, é não gerar acúmulo, mas, a partir de ações cotidianas ou pontuais, promover “liquidez pedagógica de longo prazo” para a comunidade educativa, com a intencionalidade focada na formação humana integral e no sujeito histórico social ativo.

Economia Solidária, fraternidade e diálogo: caminhos para superação e fortalecimento da Educação Católica

As lições da Economia Solidária para o cotidiano das Escolas Católicas

Ricardo Mariz

Doutor em Sociologia, mestre em Educação e pedagogo. Coordenador da Área de Missão e Gestão da UMBRASIL. Coordenador do Grupo de Pesquisa Cartografias dos Territórios de Aprendizagem CNPQ/UCB. Membro do Grupo de Pesquisa de Sociologia Clínica CNPQ/UnB. Conselheiro do Movimento de Educação de Base da CNBB. Membro fundador da Esquina do Pensamento. Atuou na docência e gestão da educação básica e na educação superior. Foi membro da Comissão de Justiça e Paz de Brasília e vice-presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação do Brasil. Autor dos livros "Se minha mesa falasse: uma análise sobre a força do cotidiano na prática pedagógica", "O mundo dentro de casa - aprendizagens possíveis em tempos inusitados", além de diversos artigos e ensaios sobre educação e trabalho docente.

Em tempos agitados como os atuais, não perder a orientação é um desafio e uma grande diferença para a construção das soluções necessárias. Manter-se orientado depende de um duplo movimento: atenção às referências externas e à clareza daquilo que possui centralidade, ou seja, é na articulação entre um atributo externo e outro interno que construímos nossa capacidade de orientação para navegar nos tempos de hoje. Três perguntas podem nos ajudar nesse exercício cotidiano: o que fazer? Para que fazer? Por que fazer?

Não deixar que essas perguntas e suas respostas se desgarem uma da outra, na agitação do dia a dia da sociedade e da nossa escola, é uma tarefa fundamental para a manutenção da relação entre o nosso carisma, a missão e o contexto que vivemos. É o que garante a manutenção da relação tensa e criativa entre a intenção, a prática e os resultados das ações em nossas escolas. Qual é o nosso papel no contexto atual? O que precisamos fazer e refazer para cumprir bem a nossa missão?

A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no Planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho, que alguns, em espanhol, designam por "rapidación". Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isto vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade. (FRANCISCO, 2015, p. 18).

A dimensão econômica é fundamental para a produção e reprodução da vida, e nos lembra que somos seres de troca. A sociedade é construída e se mantém a partir das trocas e dos tipos de vínculos que nascem dessas trocas. Os elos são fortalecidos, enfraquecidos ou modificados a partir do momento em que executamos nossas trocas na sociedade. Isso acontece na dimensão pessoal, na relação entre os docentes e discentes, na relação entre a escola e as famílias, enfim, entre a educação e a sociedade.

Uma lição que podemos aprender com a proposta da “Economia Solidária” é a superação do reducionismo em que estamos envolvidos, o qual, por vezes, reforçamos quando pensamos nas questões de economia, de mercado e da relação com as Escolas Católicas. Pensar a economia a partir do cuidado com a casa comum é uma janela que devolve as dimensões da realidade que foram fragmentadas por um tipo de economicismo reducionista.

A partir dessa perspectiva, podemos pensar a escola como um mercado – um espaço privilegiado de trocas. Uma troca mais evidente na escola é a que acontece entre os serviços que oferecemos e as mensalidades que sustentam esses serviços. Essa troca é muito importante no “mercado” da escola, mas não é a única. A troca fundamental no grande mercado da escola é a troca de conhecimentos. A liquidez esperada dessa troca entre os conhecimentos dos estudantes, dos professores e de toda a comunidade educativa é a aprendizagem.

A troca fundamental possui uma dimensão pedagógica do encontro entre o saber e o não saber. Encontro que só é possível valorizando-se os conhecimentos prévios, parciais, equivocados e inconclusos. O aprendizado esperado desse encontro, na

perspectiva da Escola Católica, é um conhecimento que continua aberto para novos encontros, que não se fecha na arrogância própria do saber e que se coloca a serviço da transformação da realidade. A aprendizagem esperada no mercado das trocas da Escola Católica é um aprendizado a serviço da paz e da justiça, a serviço do projeto de Deus para a humanidade.

A fraternidade é a categoria cultural que funda e guia paradigmaticamente o pontificado de Francisco. Ineri-la nos processos educativos, como Ele sugere em sua mensagem, significa reconhecê-la como dado antropológico fundamental, a partir do qual enxertar todas as principais e positivas “gramáticas” da relação: o encontro, a solidariedade, a misericórdia, a generosidade, mas também o diálogo, o confronto e, de modo mais geral, as variegadas formas da reciprocidade. (FRANCISCO, 2019).

Além das trocas comerciais e pedagógicas, a escola também é “espaço de outras negociações”, por exemplo, a forma como partilhamos o saber da família com o saber da escola (que representa o saber formal da sociedade) e com outros saberes não hegemônicos. Ainda, encontraremos nesse mercado a troca (relação) entre os estudantes, os professores e as tecnologias que produzimos. Aqui, é importante destacar o quanto esse “mercado” é crescente e impactante nas outras relações

da escola. Nós construímos as nossas tecnologias, e elas nos constituem. Somos, como humanidade, resultado também das nossas próprias tecnologias. Cuidar da negociação dessas trocas é fundamental para a humanidade, para os humanos de hoje e do futuro.

Existe outra troca importante e nem sempre percebida no cotidiano das nossas escolas: a troca que nossos estudantes vão fazendo durante a trajetória escolar entre o passado que eles são “herdeiros”, o presente e o futuro que vão construindo. Essa é uma troca que se materializa na relação entre as perspectivas familiares (a partir do seu lugar social), os projetos e os preconceitos. Todas as predisposições que cada um carrega consigo estão presentes na escola e, de alguma forma, são fortalecidas ou modificadas a partir das trocas que acontecem. O tema do projeto de vida, por exemplo, é um resultado do encontro dos sonhos, das expectativas, da experiência prévia, dos medos, do contexto atual e das projeções de futuro.

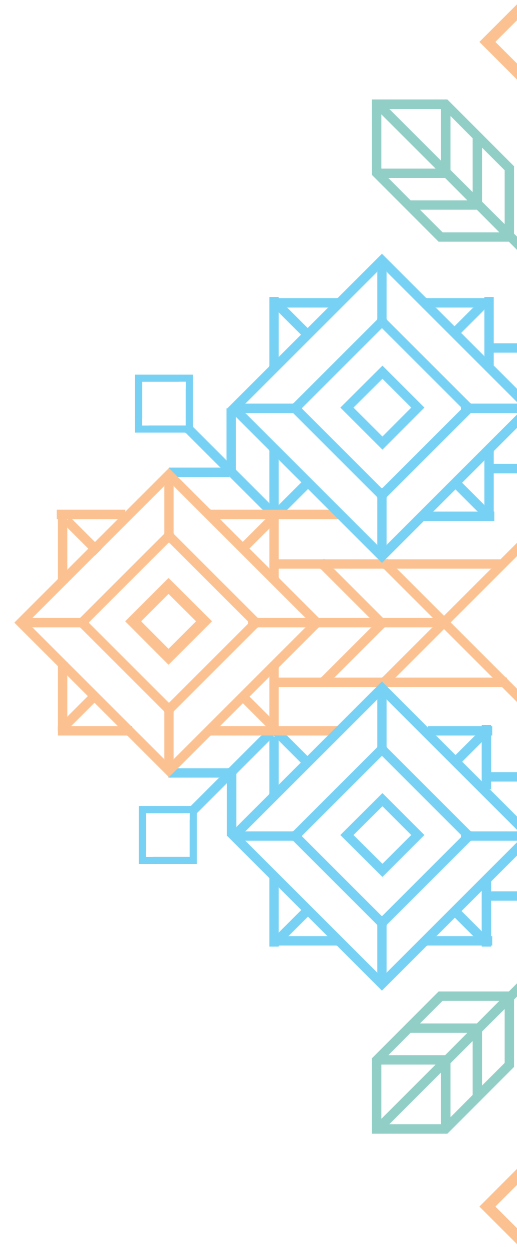
Uma troca hoje é fator de grande pressão na escola: a forma como nos relacionamos com os acontecimentos que nos cercam, compreendendo que, no contexto atual, o que nos cerca pode ser a vizinhança mas também um acontecimento em qualquer parte do mundo. Como constituir as relações dessas conexões? Como tratamos o que acontece numa sociedade que experimenta uma dinâmica de compartilhamento e de acompanhamento do que se passa “em tempo real”? Como a escola se constitui num espaço de discernimento e filtro dessa grande troca de informações em que estamos todos envolvidos?

Paradoxalmente se, por um lado, crescem as atitudes fechadas e intolerantes que, à vista dos outros, nos fecham em nós próprios, por outro, reduzem-se ou desaparecem as distâncias, a ponto de deixar de existir o direito à intimidade. Tudo se torna uma espécie de espetáculo que pode ser espiado, observado, e a vida acaba exposta a um controle constante. Na comunicação digital, quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham, desnudam e divulgam, muitas vezes anonimamente. (FRANCISCO, 2020, p. 42).

“Re-conhecer” as trocas que acontecem no mercado escolar é uma condição para aprender o que se passa nos dias de hoje e criar as melhores oportunidades de aprendizagem para os nossos estudantes. O lócus desse reconhecimento é o próprio cotidiano da escola, onde as trocas acontecem. O desafio é que nem sempre conseguimos prestar atenção ao que se passa no cotidiano; pelo contrário, nossa atenção, geralmente, é direcionada para o extraordinário, mas o cotidiano é o grande formador e deformador da escola. Cuidar das trocas cotidianas, em especial daquelas em que não prestamos tanta atenção, é fundamental para ampliarmos a liquidez da nossa relação pedagógica. Uma escola potente não se faz pelo que possui, mas pela possibilidade de trocas que oportuniza a partir do que possui.

Parece-me importante destacar, enfim, uma relação que nem sempre é explicitada pelos efeitos das nossas trocas: é importante perceber que todos os feitos possuem seus efeitos. O rabino Nilton Bonder nos lembra de uma relação possível entre a abundância e a escassez; quando pensamos no modelo da sociedade e na sustentabilidade do Planeta, essa relação fica bem evidente. Tomo emprestada tal ideia para pensá-la no campo das nossas relações pedagógicas: precisamos cuidar para não produzir escassez com os resultados que desejamos, como, por exemplo, escassez no campo emocional dos nossos estudantes e professores, escassez da falta de gratidão típica da construção de um conhecimento arrogante e escassez ética de um conhecimento que não se preocupa e se ocupa com os outros.

A crise atual é uma potencializadora daquilo que já se encontrava latente na sociedade. Uma crise como essa serve de “lente de aumento” daquilo que temos de belo e trágico em nossa sociedade. A nós, cabe a tarefa de não nos perdermos na agitação, de focarmos no essencial. O caminho que nasce da encruzilhada em que nos encontramos está no encontro entre uma leitura profunda do contexto atual e a nossa razão de ser. Transformar nossas trocas em laços, e os laços em vínculos, é o dever de casa que precisamos fazer. A solidariedade é a nossa saída e a condição da nossa existência.



ECONOMIA SOLIDÁRIA



Ricardo Mariz

Assista aos vídeos de apresentação do tema desenvolvido durante o primeiro Webinar da TRILHA FORMATIVA INTEGRA CONFESSIONAIS

VÍDEO 1 PRELEÇÃO

No vídeo 1, você pode acompanhar a preleção feita por Ricardo Mariz no primeiro evento da Trilha Formativa Integra Confeccionais 2021, com o tema “As lições da Economia Solidária para o cotidiano das Escolas Católicas”.

VÍDEO 2 DIALOGANDO SOBRE O TEMA

Em diálogo com as questões emergentes do nosso cotidiano e a temática proposta, no vídeo 2, Ricardo Mariz aprofunda a discussão inicial, ressaltando que a solidariedade é a nossa saída e a condição da nossa existência.

VÍDEO 3 UM POUCO MAIS... ENTRE PERGUNTAS E RESPOSTAS

No vídeo 3, temos o momento de perguntas e respostas, em que o professor Ricardo Mariz retoma conceitos e ideias que foram destaque em sua abordagem, ampliando um pouco mais o diálogo.

**Click &
assista**



**Click &
assista**



**Click &
assista**



Ideias em destaque

01

Em tempos agitados como os atuais, não perder a orientação é um desafio e uma grande diferença para a construção das soluções necessárias.

02

Uma lição que podemos aprender com a proposta da “Economia Solidária” é a superação do reducionismo em que estamos envolvidos.

03

Podemos pensar a escola como um mercado – um espaço privilegiado de trocas.



Para saber mais

BONDER, Nilton. **A cabala do dinheiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DUBET, François. **O tempo das paixões tristes**. São Paulo: Vestígio, 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Casac & Naify, 2003.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**. São Paulo: Paulinas, 2015.

Pacto Educativo Global. **Instrumento Laboris**. 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 27 set. 2021.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Unesp, 2019.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.



Caminhos para a trilha formativa

Dica: Flexibilidade

Uma das características de uma boa trilha formativa é a flexibilidade. Poder trabalhar com diversidade de possibilidades e autonomia gera engajamento e motivação. O protagonismo desperta o sentimento de autoconfiança e responsabilidade.

Sugestão: Debate, entendimento e articulação do conceito de "Economia Solidária"

(Sugestão de atividade para gestores de unidades escolares, equipes pedagógicas, administrativas e pastorais.)

Material sugerido:

1- Texto base: As lições da Economia Solidária para o cotidiano das Escolas Católicas – Ricardo Mariz

2 - Vídeos do primeiro Webinar da TRILHA FORMATIVA INTEGRA CONFESSIONAIS

3 - Carta Encíclica Laudato Si' – Papa Francisco

Disponível em:

https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf.

4 - Projeto Político-Pedagógico e Pastoral e/ou Regimento Interno



Caminhos para a trilha formativa

Pergunta motivadora: *Como pulverizar em ações cotidianas e gerais da comunidade educativa aspectos concretos da Economia Solidária?*

Atividades:

Depois da proposição de assistir aos vídeos, fazer uma leitura prévia e individual dos textos sugeridos, o grupo pode se reunir de modo presencial ou on-line para:

01 Encontro 1:

Partilha e diálogo sobre pontos de destaque, pontos de convergência e de distanciamento entre os textos e os documentos da instituição, impressões pessoais, tempestade de ideias.

Depois da partilha, o grupo elege os principais conceitos e ideias presentes no material proposto que podem ser articulados com o conceito de “Economia de Comunhão” e merecem ser aprofundados. Cada integrante pode ficar responsável pela pesquisa de um ou mais conceitos e ideias que deverão ser apresentados no segundo encontro. Para a apresentação, cada integrante pode utilizar a metodologia que julgar mais interessante, buscando sempre a valorização da criatividade e a interação.

Atenção para as ideias: Educação que coloque a pessoa no centro; Educação que gere compromisso comunitário; Educação comprometida com o diálogo e a paz; Educação comprometida com a Economia Solidária; Educação comprometida com a Ecologia Integral.

Sugestão para pesquisa: Dicionário do Pacto Educativo Global – ANEC.

CLIQUE AQUI. 



Caminhos para a trilha formativa

02 Encontro 2:

Discussão: construção de um mapa conceitual e de uma lista de atividades a serem implementadas de modo prático. Depois da apresentação dos conceitos, o grupo pode esquematizar de modo coletivo um mapa conceitual do qual deve derivar uma lista de ações cotidianas e gerais que serão propostas para a comunidade educativa na busca por implementação de aspectos concretos da Economia Solidária nas relações.

A sugestão é que sejam estruturados documentos (planilhas, por exemplo) com as ações possíveis, detalhando ação (descrição), objetivos, cronograma e responsáveis. Lembra-se, aqui, a importância das lideranças em delegar responsabilidades, mas inspirar e acompanhar pontualmente.

03 Encontro 3:

Avaliação: considerando os modelos de atividades propostas e o cronograma estabelecido, o grupo deve preparar uma reunião de avaliação em que pode lançar mão da modalidade que julgar mais indicada. Pode, por exemplo, colher e compartilhar feedbacks e testemunhos da comunidade educativa; pode, ainda, criar um instrumento de verificação da efetividade da implementação das atividades indicando o que deu certo ou não, buscando identificar os motivos de algum possível insucesso. Uma outra possibilidade é recriar o mapa conceitual, inserindo nele a lista de atividades realizadas que dialogam com cada conceito. O importante é que isso seja registrado e compartilhado como modelo de boas práticas que podem inspirar outras redes, escolas e comunidades.



A FAMÍLIA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: Caminhos para fortalecimento de vínculos e fraternidade

Roberta Valéria Guedes de Lima

Doutora em Ciências Sociais pela Unisinos. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Especialista em Gestão de Instituições de Ensino pela PUC-PR. Especialista em Tecnologias Educacionais pela PUC-RS. MBA em Gestão Corporativa pela Universidade Católica de Brasília e Especialista em Formação de Grupos Colaborativos pela Universidade Católica de Brasília. Atua na Educação Básica há 24 anos, exercendo cargos de docência e gestão. Atua no Ensino Superior há 10 anos, em cargos de docência e gestão. Atualmente, é Gerente da Câmara de Educação Básica da Associação Nacional de Educação Católica (ANEC), assessorando 1100 escolas católicas do Brasil; coordena o curso de Pedagogia e Letras do UniProjção e realiza programas de formação continuada como assessora de instituições de ensino no Brasil.

Começando a dialogar

A história humana é marcada pela relação entre os seres humanos, o meio ambiente e o trabalho. É indiscutível que o trabalho mantém um lugar importante na sociedade e, mais do que nunca, é necessário construir uma visão humanista cristã do mundo dos negócios, como apelo a transformar as empresas para mudar a economia e a sociedade. Ao retomarmos a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, temos o seguinte destaque: “O trabalho torna possível simultaneamente o desenvolvimento da sociedade, o sustento da família e, também, a sua estabilidade e fecundidade: ‘Possas contemplar a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida e chegues a veros filhos dos teus filhos.’” (SI 128/127,5-6).

Entretanto, ao longo dos últimos trezentos anos, a sociedade tem apresentado marcas indelévels do individualismo, da competição exacerbada, da concentração do capital e de seus efeitos, aspectos fomentados pela economia capitalista, que provoca desigualdades sociais e regionais como consequência da divisão internacional do trabalho. O capital passou a ser qualificado como princípio de felicidade, em detrimento de populações que se aglomeram entre os altos índices de desemprego e miséria. Neste contexto, surgem formas de trabalho precarizadas, intermitentes, parcelares, terceirizadas e análogas à escravidão nos múltiplos espaços de produção.

“A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no Planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho, que alguns, em espanhol, designam por ‘rapidación’. Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isto vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade.” (CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI’, 2015).

Se fizermos uma retrospectiva histórica para entender melhor o contexto atual, a partir da década de 1970, a crise do modelo fordista-taylorista de produção e o desmanche dos mecanismos de proteção social (previdência e serviços públicos), promovido pelo avanço das políticas neoliberais, geraram um verdadeiro desmonte às condições de vida dos trabalhadores e de setores mais vulneráveis da população, levando ao desemprego e à busca incansável por melhores condições aos trabalhadores, que chegam ao esgotamento físico e emocional ao terem de enfrentar os desafios do mundo do trabalho contemporâneo.

“Parece ser indiscutível que o desemprego e a precariedade laboral gerem sofrimento, como atesta o livro de Rute e como lembra Jesus na parábola dos trabalhadores sentados, em ócio forçado, na praça da localidade (cf. Mt 20, 1-16), ou (25.) como pôde verificar pessoalmente vendo-se muitas vezes rodeado de necessitados e famintos. Isto mesmo vive tragicamente a sociedade atual em muitos países, e esta falta de emprego afeta, de várias maneiras, a serenidade das famílias.” (EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL AMORIS LAETITIA).

Corroborando o contexto apresentado, significativas transformações ocorreram no mundo do trabalho, cenário de novas formas de organizações, alinhadas a modificações em sua natureza. Assim, empregos permanentes deixam de existir, além de ter ocorrido o surgimento de novas tecnologias e modelos inovadores de organização do trabalho. Uma grande incoerência se forma: há, de um lado, pessoas que sofrem em busca de emprego, sem êxito por falta de vagas; do outro, pessoas que sofrem por terem excesso de trabalho (MORIN, 2001).

Portanto, a globalização, a política neoliberal contemporânea, a falta de integração entre os programas sociais, a ausência de coordenação entre os três níveis de governo (legislativo, executivo e judiciário) nas políticas públicas, além de frágeis programas de assistência às populações mais vulneráveis, têm contribuído para que as transformações por que passou a política social brasileira não tenham sido suficientes para se alcançar reduções significativas no grau de desigualdade de renda do país. Assim, o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a

preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum... Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos.

Tais prejuízos fizeram com que os mais vulneráveis organizassem iniciativas econômicas para geração alternativa de trabalho e renda, tais como: cooperativas, empresas autogeridas, sistemas de trocas não monetárias, bancos populares, entre outras. A partir desse cenário, teóricos e militantes políticos perceberam em tais iniciativas econômicas a possibilidade da construção de alternativas aos novos desafios do mundo do trabalho e, até mesmo, à organização social capitalista.

Na década de 1980, surgiu, então, o conceito de “desenvolvimento sustentável”, assumindo grandes proporções após a publicação do livro “Nosso Futuro Comum”, conhecido como Relatório Brundtland, publicado em 1987, a partir do trabalho realizado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, órgão vinculado à ONU. O conceito de “desenvolvimento sustentável” leva ao raciocínio de um desenvolvimento que una a sociedade, o meio ambiente e a economia de forma equilibrada. Como explica Sachs (2004, p. 118), “[...] devemos nos esforçar por desenhar uma estratégia de desenvolvimento que seja ambientalmente sustentável, economicamente sustentada e socialmente incluyente [...]”.

Com o lançamento do primeiro Relatório do Desenvolvimento Humano em 1990, houve a rompimento com o pensamento de que o crescimento econômico resolveria as questões da contemporaneidade. Até então, havia uma noção de “desenvolvimento” como sendo a mesma de “crescimento econômico” (VEIGA, 2006). A ruptura desse paradigma fez com que diversos pesquisadores passassem a refletir sobre a melhor forma de desenvolvimento. Excluía-se, assim, a ideia do crescimento zero, utilizado anteriormente por defensores do meio ambiente e moradores de países vistos como “desenvolvidos”.

No contexto histórico narrado, o Brasil realizou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) no Rio de Janeiro em 1992, também conhecida como Rio-92 ou Eco-92, da qual resultou o documento intitulado Agenda 21, que “tratava de praticamente todas as grandes questões, dos padrões de produção e consumo à luta para erradicar a pobreza no mundo e às políticas de desenvolvimento sustentável” para o século XXI (NOVAES, 2003, p. 324).

Em decorrência da Rio-92, surgiu o “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global” (2012), documento formulado pela sociedade civil que indicou a necessidade de “[...] estimular a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade.”

Neste sentido, fica evidente que é urgente o fomento de uma sociedade sustentável que potencialize as práticas sociais locais

solidárias, aproveitando os conhecimentos tradicionais, culturais e respeitando o equilíbrio ecossistêmico, superando o modo de produzir e reproduzir do capitalismo, que se aporta no modelo da superprodução, do superconsumo, da mais-valia e da desigualdade de oportunidades sociais.

Na contramão da lógica econômica neoliberal, no campo da resistência aos efeitos da exploração capitalista do trabalho, edificou-se uma alternativa concreta, a partir da experiência dos próprios trabalhadores e de seus movimentos sociais, de contraposição à degradação da vida: a Economia Solidária. Entende-se que a Economia Solidária tem por princípio básico se contrapor à exploração da força de trabalho ao propor processos de produção cooperada, livremente associada e sob o controle dos próprios trabalhadores, além da propriedade coletiva dos meios de produção e a divisão equitativa dos resultados da produção (SINGER, 2002).

A Economia Solidária nasce como alternativa à economia capitalista, principalmente como forma de geração de trabalho e renda para os segmentos excluídos da população, como modo de produção e mesmo de organização social e cultural, tendo no cooperativismo seu principal expoente. São valores desse outro modo de produção e organização solidariedade, adesão voluntária e esclarecida, participação democrática coletiva, autogestão, cooperação, intercooperação, promoção do desenvolvimento humano, atenção à natureza, atenção à comunidade, produção e consumo éticos (DAL MAGRO, 2008) – assunto que abordaremos a seguir para melhor compreensão.

Economia Solidária: vínculos e fraternidade

Como mencionado anteriormente, a partir das influências políticas e culturais da década de 1970, foram organizadas iniciativas econômicas para geração alternativa de trabalho e renda: cooperativas, empresas autogeridas, sistemas de trocas não monetárias, bancos populares, entre outras. Nesse contexto, foi sonhada a possibilidade da construção de alternativas aos novos desafios do mundo do trabalho e, até mesmo, à organização social capitalista por muitos pensadores da época. Neste processo é que foi formulada a noção de “Economia Solidária”, isto é, tal noção representa o empenho de estudiosos não só em compreender a lógica de iniciativas de geração alternativa de trabalho e renda como também identificar nelas o potencial para resolução dos problemas gerados pela crise do fordismo e do Estado de Bem-Estar ou, ainda, perceber nelas as bases para superação da sociedade capitalista.

Porém, a noção de Economia Solidária não é a única que foi elaborada por aqueles que se interessaram em compreender e buscar possibilidades de superação da lógica capitalista. Encontramos na literatura outras noções: Economia Popular (ICAZA; TIRIBA, 2003; KRAYCHETE, 2000), Economia do Trabalho (CORAGGIO, 2000, 2003), Terceiro Setor ou Setor Não Lucrativo (SALAMON; ANHEIER, 1997), Economia Social (FAVREAU, 2005), entre outras. Mas, mesmo entre os estudiosos da noção de Economia Solidária, há discussões sobre sua definição e que tipo de alternativa ela representa.

Por exemplo, Razeto (1997) entende a Economia Solidária como um processo constante e difuso de inserção de práticas econômicas de caráter solidário no seio da

estrutura econômica atual, isto é, a solidariedade como força transformadora da Economia desde dentro desta, resultando em uma nova racionalidade econômica.

Já Laville (2004, p. 17) destaca que a importância da Economia Solidária é que ela nos obriga a pensar o econômico para além dos princípios de mercado: no lugar, portanto, de resumirmos a economia ao mercado, parece-nos preferível “[...] admitirmos que, em relação ao conjunto das práticas que conformam a dinâmica econômica mais ampla, existem diferentes princípios de interação [...]. É exatamente esse olhar ampliado da dinâmica econômica mais geral que nos permitirá entender [...] o processo singular de uma economia solidária, que tende a reunir diferentes lógicas.” O autor tomou como base da sua argumentação Karl Polanyi, que distingue três princípios de organização da atividade econômica: 1) o do mercado, baseado na livre concorrência entre indivíduos autointeressados; 2) o da redistribuição, segundo o qual a esfera da produção deve remeter-se a uma autoridade central que se encarrega da distribuição dos bens; 3) o da reciprocidade, no qual as relações estabelecidas entre grupos ou pessoas são levadas a cabo visando à manutenção do laço social (LAVILLE, 2004, p. 21-22).

Em contraposição, Mance (1999) e Singer (2002) entendem a Economia Solidária como uma forma antagônica de organização da Economia. Para Mance (1999, p.202), “o potencial das iniciativas de Economia Solidária em se constituírem numa alternativa ao capitalismo está ligado à noção de colaboração solidária”. Portanto, “[...] consiste na estratégia para organização de uma sociedade pós-capitalista, baseada na implantação de redes que conectam unidades de produção e de consumo, em um movimento recíproco de realimentação,

permitindo a geração de emprego e renda, o fortalecimento da economia e do poder locais, bem como uma transformação cultural das sociedades em que se implanta, com a afirmação de uma ética e de uma visão de mundo antagônicas não apenas ao neoliberalismo, mas ao próprio capitalismo.” (MANCE, 1999, p. 203).

Assim, por meio das relações entre consumidores e produtores, surgiriam “redes” que visariam à satisfação das necessidades e à geração de trabalho e renda dos seus participantes. É a partir dessa rede de consumo e de produção que surge, junto à sociedade capitalista, uma nova forma de organização social e econômica que, à medida que se potencializa, substitui o capitalismo. Todo esse movimento tem como ponto de partida o consumo solidário, que “[...] ocorre quando a seleção do que consumimos é feita não apenas considerando o nosso bem-viver pessoal, mas também o bem-viver coletivo, uma vez que é no consumo que a produção se completa e este tem impacto sobre [...] a sociedade em geral.” (MANCE, 1999, p. 13).

Para Singer (2002), o potencial transformador da Economia Solidária seguiria uma outra dinâmica: o cooperativismo autogestionário representaria a forma mais radical de organização da atividade econômica através de princípios anticapitalistas. Desta forma, as experiências cooperativas demonstram “[...] que os trabalhadores têm capacidade de organizar atividades econômicas segundo princípios próprios, socialistas [...]” (SINGER, 2002, p. 113). Assim, a cooperativa autogestionária assume uma centralidade na construção de uma alternativa ao capitalismo, a Economia Solidária. E essa centralidade se deve ao fato de que a cooperativa autogerida realiza em alto grau todas as condições para a desalienação do trabalho e, portanto, para a realização do socialismo. Ela é gerida pelos

trabalhadores, as relações de trabalho são democráticas, ela traduz na prática o lema “de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades” (SINGER, 2002, p. 128).

Neste sentido, conclui-se que a Economia Solidária constitui um amplo conjunto de iniciativas coletivistas de produção, comércio, consumo, poupança e crédito, necessariamente orientadas por princípios igualitários e democráticos (SINGER; SOUZA, 2000; CATTANI, 2003; SOUZA; LIMA, 2014).

À luz dessas conceituações, fica claro que o que diferencia as iniciativas solidárias é o fato de serem organizadas sob a forma de autogestão, o que conduz ao fortalecimento de vínculos fraternos. São, portanto, projetos em que os indivíduos detêm a posse coletiva dos meios pelos quais exercem a atividade econômica (produção, consumo, investimento, despesas, resultados, entre outros) e, por isso, são igualmente responsáveis pela gestão do empreendimento, por meio do princípio “um membro igual a um voto”, trazendo um potencial educativo, ou seja, a autogestão, pelas práticas que a envolvem, permite educar e transformar o comportamento dos indivíduos, no sentido de que suas ações passam a ser alicerçadas por valores como participação, igualdade, solidariedade, fraternidade, opostos àqueles que fundamentam a lógica individual e competitiva das sociedades capitalistas.

Cooperativismo, o trabalho e as famílias

Souza (2020) narra que o cooperativismo chegou ao Brasil no início do século XX, trazido por imigrantes alemães e italianos. As primeiras cooperativas assumiram as formas de consumo nas cidades e agropecuárias no meio rural. Nos anos 1950, 1960 e,

posteriormente, 1980, houve no País algumas experiências cooperativistas populares, formadas por moradores de periferias urbanas, apoiadas por setores da Igreja Católica (SOUZA, 2013).

Na década de 1990, surgiram as empresas industriais compostas por trabalhadores com o ideal autogestionário e marcado pelo alto índice de desemprego; a expressão “Economia Solidária” passou a se expandir. No âmbito católico, já no início da década de 1980, haviam sido formados pequenos empreendimentos solidários nomeados Projetos Alternativos Comunitários (PACs). Apoiados pela Cáritas Brasileira, esses grupos produtivos se desenvolveram no Nordeste e no Rio Grande do Sul, onde constituíram, em 1996, um fórum estadual. Na cidade de Santa Maria, um projeto vinculado à diocese local chegou a abranger mais de duzentos grupos de produtores, envolvendo cerca de quatro mil pessoas na época (GAIGER, 2000; BERTUCCI; SILVA, 2003; SARRIA; FREITAS, 2006; SOUZA, 2013).

O discurso fundamental de defesa dos grupos de Economia Solidária envolve a autogestão e os valores que estão para além da atividade econômica em si, ligados intrinsecamente à ideia de democratização da sociedade.

No início do Salmo 128, o pai é apresentado como um trabalhador que pode, com a obradas suas mãos, manter o bem-estar físico e a serenidade da sua família: “Comerás do fruto do teu próprio trabalho: assim serás feliz e viverás contente.” (v. 2). O fato de o trabalho ser uma parte fundamental da dignidade da vida humana deduz-se das primeiras páginas da Bíblia, quando se afirma que Deus “colocou [o homem] no Jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar” (Gn2, 15). Temos, aqui, a imagem do trabalhador que transforma a matéria e aproveita as energias da criação, fazendo nascer o “pão de tanta

fadiga” (SI 127/126, 2), para além de cultivar a si mesmo (ENCÍCLICA AMORIS LAETITIA, 2016). Esta reflexão alicerça a concepção de que uma sociedade democrática é construída por homens e mulheres que têm no labor a garantia de condições dignas de sobrevivência para si e seus familiares.

Ao pensarmos nas famílias, A ALEGRIA DO AMOR que vive nas famílias é também o júbilo da Igreja, por isso, é preciso cuidar das famílias. O amor vivido nas famílias é uma força permanente para a vida da Igreja. Logo, é emergencial promover o amor e a doação, rompendo, assim, com a cultura do provisório. Também é fundamental ter uma escuta sensível à situação das famílias caídas na miséria, penalizadas de tantas maneiras, onde as limitações da vida se fazem sentir de forma lancinante. “Nas situações difíceis em que vivem as pessoas mais necessitadas, a Igreja deve pôr um cuidado especial em compreender, consolar e integrar [...] levar-lhes a misericórdia de Deus.” (AMORIS LAETITIA, 2016). Neste sentido, cuidar das famílias é, também, promover ações educativas para uma perspectiva de uma economia solidária, promovendo novas possibilidades de uma vida mais justa e encharcada de esperança, na realização de um trabalho que dignifica e potencializa oportunidades para todos os entes da família.

Portanto, tendo como sentido cristão uma economia mais justa e fraterna, em que o trabalho fomenta possibilidades iguais para todos e retoma os princípios do uso evangélico dos bens, entendo a importância da perspectiva de que estamos interligados nesta casa comum, rejeitando, assim, toda e qualquer forma de exploração tirana com a natureza que leva ao desequilíbrio econômico e social. A Carta Brasileira pela Economia de Francisco e Clara aponta: “distinta de religiosidade, a espiritualidade não é algo

circunscrito às religiões [...]. A economia com alma não subestima a importância dos bens materiais, mas rejeita o culto à materialidade.”

Também não podemos esquecer a degeneração que o pecado introduz na sociedade, quando o homem se comporta como um tirano com a natureza, devastando-a, utilizando-a de forma egoísta e até brutal. Como consequência, temos, simultaneamente, a desertificação do solo (cf. Gn 3, 17-19) e os desequilíbrios econômicos e sociais, contra os quais se levanta, abertamente, a voz dos profetas, desde Elias (cf. 1Re 21) até chegar às palavras que o próprio Jesus pronuncia contra a injustiça (cf. Lc 12, 13-21; 16,1-31). (ENCÍCLICA AMORIS LAETITIA, 2016).

Por isso, o chamado “paradigma da dádiva”, que consiste no princípio antropológico dar, receber e retribuir (reciprocidade) e está na base de laços sociais presentes também em atividades econômicas (MAUSS, 1988; CAILLÉ, 1998), de algum modo, faz menção a essa outra dimensão da economia mais fraterna, solidária, justa para toda a sociedade.

A força do amor cristão precisa superar os distanciamentos sociais, provocar ações de acolhimento e de justiça para aquelas pessoas que foram subjugadas pelas relações capitalistas. As famílias cristãs são chamadas a dividir o que têm, a multiplicar o amor e a caridade com os mais vulneráveis, tecendo relações de respeito mútuo, saciando a fome e partilhando o maná que alimenta o corpo e a alma. Há que superar as mazelas da miséria social que o capitalismo trouxe para a sociedade contemporânea.

Um casal de esposos, que experimenta a força do amor, sabe que este amor é chamado a sarar as feridas dos abandonados, estabelecer a cultura do encontro, lutar pela justiça. Deus confiou à família o projeto de tornar “doméstico” o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão: “Um olhar atento à vida quotidiana dos homens e das mulheres de hoje demonstra imediatamente a necessidade que há, em toda a parte, duma vigorosa injeção de espírito familiar. [...] Não só a organização da vida comum encalha cada vez mais numa burocracia totalmente alheia aos vínculos humanos fundamentais, mas até o costume social e político mostra frequentemente sinais de degradação.” Pelo contrário, as famílias magnânimas e solidárias abrem espaço aos pobres, são capazes de tecer uma amizade com aqueles que estão a viver pior do que elas. Se realmente têm a peito o Evangelho, não podem esquecer o que diz Jesus: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt.25, 40). Em última análise, vivem o que nos é pedido, de forma tão eloquente, neste texto: “Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz.” (Lc.14, 12-14). Serás feliz! Aqui está o segredo duma família feliz.

No trabalho cooperativo, as famílias, sejam as sanguíneas ou as de “vida cotidiana do labor”, aprendem a se sentir efetivamente integrantes de uma comunidade que lhes confere laços afetivos e relevante sentido de identidade coletiva, superando, assim, a falta de trabalho, a falta de recursos para se sustentar e a cultura do descarte referendada pelos escritos do Papa Francisco.

Portanto, a essência para uma economia civilizatória se constitui na democratização dos recursos econômicos e, conseqüentemente, na possibilidade de construir condições em que as famílias possam ter garantidos seus direitos fundamentais para viverem de forma harmoniosa, em uma sociedade mais fraterna, de modo a conseguirmos um equilíbrio socioeconômico, e também na relação com o Planeta – a nossa casa comum, como ressalta o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'* (2015).

A FAMÍLIA E A ECONOMIA: Caminhos para o fortalecimento de vínculos e fraternidade



Roberta Guedes

Assista aos vídeos de apresentação do tema desenvolvido durante o segundo Webinar da TRILHA FORMATIVA INTEGRA CONFESSIONAIS

VÍDEO 1 PRELEÇÃO

No vídeo 1, você pode acompanhar a preleção feita pela professora Roberta Guedes no segundo webinar da Trilha Formativa Integra Confeccionais 2021, com o tema A família e a Economia Solidária: caminhos para o fortalecimento de vínculos e fraternidade.

VÍDEO 2 DIALOGANDO SOBRE O TEMA

Em diálogo com as questões emergentes do nosso cotidiano e a temática proposta, no vídeo 2, Roberta Guedes aprofunda a discussão inicial e ressalta que é urgente o fomento de uma sociedade sustentável que potencialize as práticas sociais locais solidárias.

VÍDEO 3 UM POUCO MAIS... ENTRE PERGUNTAS E RESPOSTAS

No vídeo 3, temos o momento de perguntas e respostas, em que a professora Roberta Guedes retoma conceitos e ideias que foram destaque em sua abordagem, ampliando um pouco mais o diálogo.

**Click &
assista**



**Click &
assista**



**Click &
assista**



Ideias em destaque

01

A globalização, a política neoliberal contemporânea, a falta de integração entre os programas sociais, a ausência de coordenação entre os três níveis de governo (legislativo, executivo e judiciário) nas políticas públicas, além de frágeis programas de assistência às populações mais vulneráveis, têm contribuído para que as transformações por que passou a política social brasileira não tenham sido suficientes para se alcançar reduções significativas no grau de desigualdade de renda do País.

02

É urgente o fomento de uma sociedade sustentável que potencialize as práticas sociais locais solidárias, aproveitando os conhecimentos tradicionais, culturais e respeitando o equilíbrio ecossistêmico, superando o modo de produzir e reproduzir do capitalismo, que se aporta no modelo da superprodução, do superconsumo, da mais-valia e da desigualdade de oportunidades sociais.

03

A força do amor cristão precisa superar os distanciamentos sociais, provocar ações de acolhimento e de justiça para aquelas pessoas que foram subjugadas pelas relações capitalistas. As famílias cristãs são chamadas a dividir o que têm, a multiplicar o amor e a caridade com os mais vulneráveis, tecendo relações de respeito mútuo, saciando a fome e partilhando o maná que alimenta o corpo e a alma. Chamadas a superar as mazelas da miséria social que o capitalismo trouxe para a sociedade contemporânea.



Para saber mais

BRASIL. Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, 2015. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/documentos-referenciais/item/8068>> . Acesso em: 20/08/2021.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo, nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, nº 38, 1998. p. 5- 38.

CATTANI, Antonio David (Orgs). A outra economia. Porto Alegre, Veraz, 2003.

DAL MAGRO, Coutinho MC. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em “empreendimentos solidários”. Psicol Estud [Internet]. 2008 [citado 2010 maio 25];13(4):703-11. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a08.pdf>>. Acesso em: 30/08/2021.

LAVILLE, Jean-Louis (org.). Economía Social y Solidaria: una visión europea. Buenos Aires: Altamira, 2004.

MANCE, Euclides A. A Revolução das Redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa, Edições 70, 1988.

MORIN, Estelle. Os sentidos do trabalho. RAE, São Paulo, v. 41, nº 3, 8-19, julho/setembro, 2001.

NOVAES, W. Agenda 21. In: TRIGUEIRO, A. Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 323-331.

PAPA JOÃO PAULO II. Exortação apostólica, Familiares Consortio: A Missão da Família Cristã no Mundo de Hoje. 24. Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PAPA BENTO XV., Carta apostólica Porta Fidei. São Paulo: Loyola, 2012.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris laetitia: Sobre o Amor na Família. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica, Laudato Si. São Paulo: Paulinas, 2005. PAPA PIO XI. Carta Encíclica, Casti connubii: Sobre o matrimônio cristão. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1951.

Para saber mais

PAPA VI. Gaudium Et Spes: Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011

SACHS, I. Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, Universitária / SEBRAE. 2004. 151 p.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. Uma utopia militante: repensando o socialismo. Petrópolis, Vozes, 1998.
_____. Introdução à economia solidária. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, André Ricardo de Souza (Orgs). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo, Contexto, 2000.

SOUZA, André Ricardo de. Os laços entre igreja, governo e economia solidária. São Carlos, EDUFSCar e FAPESP, 2013.

_____. LIMA, Jacob Carlos. Trabalho, solidariedade social e economia solidária. Lua Nova. Revista de Cultura e Política, v. 93, p. 139, 2014.



Caminhos para a trilha formativa

Dica: Diversidade de estímulos

Uma das características de uma boa trilha formativa é a diversidade de estímulos. Para que o trabalho seja dinâmico e envolvente, é importante o uso de recursos diversos que permitam maior interação e despertem curiosidade.



Caminhos para a trilha formativa

Sugestão: Pesquisa, diálogo, entendimento e articulação do conceito de “Economia Solidária.”
(Sugestão de atividade para estudantes e famílias)

Material sugerido:

1-Texto base: A família e a Economia Solidária: caminhos para o fortalecimento de vínculos e fraternidade – Roberta Guedes.

2 - Vídeos do segundo Webinar da TRILHA FORMATIVA INTEGRA CONFESSIOAIS.

3 - Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia – Sobre o amor na família.

Para ter acesso ao texto da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia na íntegra

CLIQUE AQUI. 

01 Atividade 1

Passo 1

Promover entre os estudantes pesquisa e discussão sobre o conceito de Economia Solidária, e as respectivas implicações no dia a dia de suas famílias. Isso pode ser feito em uma disciplina específica ou em um projeto interdisciplinar. (Disponibilizar para os estudantes o texto-base e os vídeos do webinar da professora Roberta Guedes.)

Passo 2

Depois da etapa de pesquisa e discussão feita na escola, os estudantes podem ser estimulados a conversar sobre o conceito em casa. Perguntar aos familiares o que entendem por Economia Solidária enquanto explicam o que aprenderam na pesquisa e discussão em sala de aula. Assim, estabelece-se um diálogo-econômico-solidário. (Disponibilizar para as famílias dos estudantes o texto base e os vídeos da webinar da professora Roberta Guedes.)

Passo 3

Estabelecida a relação dialógica, é hora de animar estudantes e familiares a enviarem feedbacks para a escola: pequenos textos e/ou vídeos podem ser produzidos sobre o que aprenderam juntos, e sobre boas práticas de Economia Solidária que visam desenvolver ou já estão desenvolvendo.

Passo 4

De modo coletivo, cada turma pode desenvolver uma estratégia para divulgar a toda a comunidade educativa o trabalho desenvolvido.

Caminhos para a trilha formativa

02 Atividade 2

Passo 1

Animar e promover a leitura parcial da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* em quatro envios de textos que compõem o documento original.

Passo 2

Para cada envio, organizar um encontro remoto com as famílias, convidando uma família e um membro da equipe de pastoral para mediar as trocas. Os mediadores podem fazer aproximações entre o texto da Exortação Apostólica e a Economia de Comunhão através do texto-base escrito pela professora Roberta Guedes.

Sugestões

- Sugestão dos envios considerando o documento original: itens 14 a 18, 27 a 30, 31 a 39, 71 a 75. Aqui, trata-se de também refletir, nas relações, as trocas criadas com a instituição pela qual a família optou para construir a educação e o desenvolvimento do(s) filho(s).
- Durante os encontros, os mediadores podem usar fragmentos dos vídeos do webinar desta trilha que tem como tema *A família e Economia Solidária: caminhos para o fortalecimento de vínculos e fraternidade*.

Dica:

Estender o convite para participação ou mediação com o pároco ou com outras autoridades religiosas próximas, compartilhando e multiplicando ações sociais/culturais estruturantes para além dos muros da escola.

A docência e a Economia Solidária: caminhos para reconstrução do Pacto Educativo Global

Eliasaf Assis

Sociólogo, mestre e doutor em Educação pela Unesp, desenvolve formações com professores desde 2001, em instituições públicas, privadas e corporativas. Autor de livros e artigos, em sua tese de doutorado, pesquisou a participação de mulheres docentes, pedagogas e arte-educadoras em movimentos sociais. Dedicou-se, especialmente, a estudar e refletir sobre a carreira docente do professor de escola pública. É professor de Didática, Filosofia, Sociologia e Antropologia em cursos de Pedagogia, Licenciaturas, Administração e de Pós-Graduação (MBAs). Membro do Colegiado e do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Pedagogia, enfatizou estratégias didáticas que utilizassem objetos de aprendizagem (OA) e se baseassem em teoria dos jogos e lúdicas. Nas disciplinas ministradas na pós-graduação – como Aprimoramento Pessoal e Gerencial, Cultura e Poder nas Organizações e Administração Contemporânea –, teve como enfoque principal a participação da mulher no meio corporativo. Auditor especialista em Responsabilidade Social, visitou várias comunidades, ribeirinhas e indígenas, por todo o Brasil. Pesquisou escolas rurais, quilombolas e associação de artesãos. É formador do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) pela Unesp. Como palestrante, atende instituições de ensino e empresas

Todos esses seres esperam de vós que lhes deis de comer em seu tempo. [...] e se fartam de bens. Se desviais o rosto, eles se perturbam; se lhes retirais o sopro, expiram e voltam ao pó donde saíram. Se enviais, porém, o vosso sopro, eles revivem e renovais a face da terra.

**Salmos, 103:27-30
Bíblia Ave Maria**

O branco açúcar: de onde vem?

Circunscritos, como estamos, à nossa rotina diária, nos acostumamos ao que nos cerca. A maioria de nós vai ao trabalho nos mesmos caminhos, tem rotinas que se repetem, se especializa em um tema e reflete apenas sobre ele. O cotidiano exerce uma pressão achatadora sobre nossa percepção. Nos acostumamos tanto ao cenário que paramos de notar o que acontece à nossa volta.

Essa experiência se reprisa também em nossos hábitos de consumo. Em nosso dia a dia, fazemos nossas compras movidos pela demanda ou pelo desejo. Retiramos um produto da prateleira do mercado ou o adicionamos em nosso carrinho na loja virtual, e é como se ele houvesse chegado ali pronto, já acabado. Temos pouca visibilidade da

entremeada logística de relações que o extraiu da natureza, produziu-o, comercializou e entregou. Nosso ato de comprar é antecedido por todas essas relações, que são de caráter econômico mas também permeadas de pessoas. Essa multidão de gente fica oculta aos nossos sentidos, resumida a expressões técnicas como “cadeia de produção” ou “lead time”.

Isso implica dizer que toda escolha que fazemos no consumo tem uma dimensão econômica que às vezes nos passa despercebida. Até comer é um ato político, uma vez que nossas escolhas, quando existem, podem reforçar as relações perversas em que outras pessoas vivem. Em seu poema, Ferreira Gullar (2008) notou isso:



O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por
milagre.

Vejo-o puro e afável ao paladar como beijo
de moça,
água na pele, flor que se dissolve na boca.
Mas este açúcar não foi feito por mim.

Este açúcar veio da mercearia da esquina
e tampouco o fez o Oliveira, dono da
mercearia.
Este açúcar veio de uma usina de açúcar em
Pernambuco
ou no Estado do Rio e tampouco o fez o
dono da usina.

Este açúcar era cana e veio dos canaviais
extensos
que não nascem por acaso no regaço do
vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de
fome aos 27 anos
plantaram e colheram a cana que viraria
açúcar.

Em usinas escuras, homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar branco e puro com
que adoço meu café esta manhã em
Ipanema.

Nosso consumo é apenas uma das ações que cometemos nesse largo espectro que são as relações humanas. Ao partir desse princípio, isto é, de que a economia é também uma relação humana, já iniciamos um processo de rompimento com o alheamento e a indiferença. Damos um passo atrás, para compreender melhor o todo. Afinal, só obtendo uma visão maior do quadro é que conseguimos distinguir o conjunto de elementos que interagem e o compõem em sua totalidade. E então começamos a questionar aspectos com os quais estávamos acostumados.

São as perguntas pertinentes que produzem em nós as melhores reflexões. Ao tratar de economia, podemos inquirir: há modelos alternativos possíveis ao que se impõe na ordem econômica nacional? E, se existem, quais são? Que vieses ideológicos possuem? Afinal, quando assumimos uma reflexão crítica sobre um tema, não deveríamos adotar novos modelos de forma acrítica. E ainda outras perguntas podem brotar quando focalizamos as imbricações do Pacto Educativo Global com a Economia Solidária: pode o Espírito, ao renovar a face da Terra, também atuar na transformação de modelos econômicos? E como a Educação Católica pode colaborar? Com quais práticas educativas?

Vamos examinar melhor os elementos envolvidos. Começemos pela Economia Solidária, que abordaremos a seguir.

A ECONOMIA SOLIDÁRIA: CONCEITOS E UMA HISTÓRIA

Em palavras breves, poderíamos resumir a Economia Solidária como uma mobilização, quase sempre coletiva, para tratar os processos produtivos e o consumo de forma humanizada.

Essa conceituação, embora didática, não apresenta um retrato suficiente. Por isso, convém observar mais atentamente, na prática, como a Economia Solidária se constitui na realidade social. Ela se externaliza em fenômenos muito concretos: associações de trabalhadores do mesmo setor, cooperativas agrícolas de lavradores, cooperativas de crédito, grupos de compra coletiva de alimentos ou mesmo no ato individual de boicotar produtos que exploram trabalhadores. E estas são apenas algumas, dentre outras, possibilidades de se praticar a Economia Solidária.

Os atores que a compõem estão ligados ao mesmo enredo: eles empreendem de forma coletiva e buscam socializar-se em termos econômicos. Como se vê, na Economia Solidária, já de saída, há um paradoxo óbvio às polarizações ideológicas. “Empreender”, um ato associado a valores liberais, aqui aparece conjugado a “socializar”, termo compreendido como sinônimo de “socialismo”. Essas duas ações são palavras proibidas a depender do extremo ideológico em que são ouvidas. No entanto, veem-se associadas na prática econômica solidária, como no exemplo de Nana de Oliveira, que veremos a seguir.

Nana casou-se aos 15 anos e aprendeu a lidar com hortas com sua sogra. Na época em que foi entrevistada por Branca Vianna (clique aqui e ouça a entrevista), Nana já era mãe de três crianças e uma das criadoras de uma associação de mulheres cultivadoras que fica

na Região do Barroão, município de Uruçuca, sul da Bahia. As mulheres fundaram a associação quando, após anos de tentativa, não conseguiram participar da associação já existente, dirigida por homens que ignoravam a opinião das cultivadoras. Além disso, eles as impediam de candidatar-se aos cargos de conselho. Sem outra alternativa, as mulheres fundaram sua própria associação e destacaram-se rapidamente, inovando com agricultura orgânica, gestão participativa e uma distribuição mais eficiente dos produtos da horta. Como vemos, temos aqui os dois atos: empreender e socializar. Estas duas ações, que tanto trabalho dão à rigidez teórica de alguns acadêmicos, estão imbricadas na prática diária das cultivadoras. O que nos levará a refletir, em um ponto posterior neste texto, sobre como as diferenças conceituais podem ser ultrapassadas pela prática da solidariedade.

Antes de adentrarmos mais os aspectos do pensamento econômico em si, vejamos outras nuances da Economia Solidária que podem ser apreendidas do exemplo de Nana. Eis algumas delas: em primeiro lugar, observamos o protagonismo das mulheres em fundarem uma associação. Elas tornaram-se, dessa forma, os reais sujeitos de sua história, tomando em mãos a construção de seu próprio futuro econômico. Há, obviamente, características empreendedoras aqui, como proatividade e protagonismo, mas que em nada lembram o individualismo competitivo de nossa sociedade capitalista. Em muitos discursos neoliberais, "empreender" significa construir seu negócio individual. Na associação de cultivadoras, elas empreendem e inovam para o benefício coletivo das associadas. E não apenas as mulheres são beneficiadas, mas também os maridos e filhos de muitas delas.

Há, portanto, uma característica da Economia Solidária que pode ser verificada no relato de Nana: um ato de Economia Solidária é caracterizado pela promoção da inclusão social. Ele sempre será uma versão alternativa da economia liberal fundamentada no protagonismo dos indivíduos, dos "empreendedores". Solidarizar-se economicamente é uma busca pela emancipação do coletivo. É o ato em que aqueles que se solidarizam buscam não apenas os próprios interesses, mas o bem comum. Um exemplo: as associadas da lavoura tendem a aprofundar e a compartilhar seus conhecimentos sobre o solo, ampliando a sustentabilidade ecológica de suas lavouras. Elas evitam o uso de pesticidas, que seriam mais rápidos e eficientes no curto prazo, embora empobrecem o solo no médio prazo. Coletivamente, elas se responsabilizam pelo manejo ecologicamente correto da terra, ainda que isso as onere mais em tempo de trabalho. Elas compreendem sua relação com o meio ambiente como um bordão do pensamento ecológico: pensar globalmente, agir localmente.

Até agora, reunimos aqui essas características da Economia Solidária:

- o protagonismo coletivo;

- a promoção da inclusão social;

- o encorajamento na retomada dos percursos formativo-educativos;

- o espaço dado à gestão participativa; a responsabilidade ambiental.

ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA ALTERNATIVA AO MODELO NEOLIBERAL?

Aproveitemos, ainda, a história de Nana para refletir um pouco mais sobre os modelos econômicos que estão em cenário. Precisamos fazer um recorte aqui, delimitando o que de fato estamos observando, isto é, o liberalismo defendido no Brasil (que alguns proponentes liberais dirão não retratar de forma exata o pensamento liberal). Ainda, faremos outras margens em razão da brevidade deste texto.

Vamos observar o contraste da Economia Solidária com alguns aspectos fundamentais do liberalismo econômico, ou, pelo menos, com as ênfases com que esse liberalismo é enfatizado em discursos da contemporaneidade. Não temos a pretensão de exaurir o tema, apenas elaborar uma comparação inicial. Comumente, o pensamento econômico liberal, como defendido por seus autores clássicos, Adam Smith (1723-1790) por exemplo, se estabelece em um quadrilátero:

- **liberdade para os empreendedores;**
- **Estado mínimo;**
- **não enfatizar o bem-estar social;**
- **a mão invisível.**

Sendo assim, temos na proposta liberal uma fórmula de viabilidade, que, para seus defensores, conduziria a sociedade a uma economia próspera, justa e estável. Se o Estado delegar a maioria das funções que realiza – através das empresas estatais, das intervenções na economia ou da prestação de serviços públicos caros –, ele diminui seu tamanho e torna-se uma máquina menos onerosa. E um Estado mínimo permite uma maior liberdade dos empreendedores, que assim assumiriam os riscos de suas empreitadas e ousariam mais, ampliando a competitividade nos diversos setores da economia. A consequência desse raciocínio é que uma maior oferta atenderia as demandas

com preços mais adequados a todos. Quanto mais empresas, escolas ou hospitais particulares existirem, mais oferta existiria de produtos e serviços. Haveria preços para as diferentes classes econômicas, com alternativas de compra para todos. E isso tudo aconteceria sem a necessidade de uma intervenção do Estado.

Em uma expressão de Adam Smith que se popularizou, seria “a mão invisível” do mercado que faria, autonomamente, a regulação entre a oferta e a demanda. A mão invisível tornaria os preços competitivos e mais acessíveis. Em um Estado mínimo, que é o ideal para o liberalismo econômico, o poder público evita intervenções na economia e dá liberdade de ação às empresas. Essa liberdade se estenderia a todos os indivíduos que pretendessem empreender ou trabalhar nas diversas empresas que surgiriam. Há, embutida aqui, uma crença profunda na meritocracia e na oportunidade justa que ela daria a toda a sociedade.

E, ainda no bojo da ideia liberal, o Estado não precisaria se preocupar com o bem-estar social, uma vez que as pessoas encontrariam oportunidades de emprego, tratamento médico adequado com custos acessíveis, educação particular por preços módicos ou moradias com financiamentos viáveis por bancos privados.

Autores posteriores, liberais ou não, fariam diversos ajustes críticos à teoria da mão invisível. Vamos selecionar **duas críticas úteis** para contrastar a ideia da mão invisível com a Economia Solidária. **A primeira crítica** é a de que a regulação entre demanda e oferta não ocorre em um tempo hábil, em especial para os mais pobres. Eles são justamente as camadas sociais mais necessitadas e que não podem aguardar o lento movimento da mão invisível para balancear oferta e demanda. Além disso, há a **segunda crítica**: as empresas

podem se unir para estabelecer tabelas de preços que deixem o consumidor sem alternativas, isto é, podem formar cartéis. Essa atitude, além de conspirativa, é também a antítese de solidariedade.

Ao que parece – e esta é uma avaliação pessoal do autor deste texto –, a teoria parece ignorar que os envolvidos nas relações econômicas são também seres humanos, mobilizados por interesses, insensibilizados por questões de classe e desumanizados por nossa natureza pecaminosa, que nos impede de ver o “outro”. Precisamos que o Senhor envie seu sopro, seu Espírito, e renove a face da terra.

A ECONOMIA SOLIDÁRIA E O SEU TEOR NO PACTO EDUCATIVO GLOBAL

A Economia Solidária pode ser um ato divino de renovação da sociedade?

Por isso, é preciso assinar um pacto para dar uma alma aos processos educativos formais e informais, que não podem ignorar o fato de que tudo, no mundo, está intimamente conexo e é necessário encontrar – segundo uma sã antropologia – outros modos de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso.

*Pacto Educativo Global,
Instrumentum Laboris, p. 15.*

Como vemos em nossa epígrafe, o Papa Francisco nos exorta a que os processos educativos não apenas reproduzam o mundo social como está. Antes, nos encoraja o Papa, segundo uma “sã antropologia”, devemos procurar alternativas, outros modos de compreender categorias como economia, política e progresso.

Não se trata aqui de um estímulo intelectual à experimentação de modelos facultativos. Antes, nos vemos diante de um desafio, em especial na economia: pisar o chão, solidarizar-se, encarnar-se em situações econômicas sobre as quais estamos alheios. A Economia Solidária extrapola o academicismo das teorias do pensamento econômico justamente por isso: ela é um ato de irmanar-se, de refletir sobre a prática como ela é exercida por homens e mulheres, gente simples como a Nana. E podemos nos aproximar da Economia Solidária de diversas formas: praticando-a como protagonistas,

envolvidos diretamente em uma associação ou grupo; inteirando-nos, como comunidade escolar que cresce, de seus relatos e histórias. É assim que permitimos que o Espírito renove a face da terra.

Isso porque a Economia Solidária é um ato divino de renovação da sociedade. E ela se constitui assim pelas características que já vimos nas linhas anteriores. Ao focalizar-se o coletivo, o estar juntos e de forma colaborativa, em uma relação produtiva ou econômica, põe-se abaixo o que o Papa chamou diversas vezes de “egolatria”:

[...] é precisamente uma tal egolatria que gera todas aquelas fraturas as quais tornam pesadas a ação educativa desenvolvida em todos os níveis. Estamos falando da fratura entre as gerações, da fratura entre povos e culturas diferente, da fratura entre partes da população ricas e partes da população pobres, as primeiras sempre mais ricas e as segundas sempre mais pobres, da fratura entre masculino e feminino, da fratura entre economia e ética, da fratura entre humanidade e planeta terra. Pacto Educativo Global, Instrumentum Laboris, p. 6.

A Economia Solidária pode sarar algumas dessas fraturas. No trabalho conjunto, permeado pela solidariedade, encontra cura a fratura entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre a economia e a ética, entre os interesses humanos e a preservação do Planeta.

A docência e a Economia Solidária: caminhos para reconstrução do Pacto Educativo Global



Eliasaf Assis

Assista aos vídeos de apresentação do tema desenvolvido durante o terceiro Webinar da TRILHA FORMATIVA INTEGRA CONFESSIONAIS

VÍDEO 1 PRELEÇÃO

No vídeo 1, você pode acompanhar a preleção feita pelo professor e sociólogo no terceiro evento da Trilha Formativa Integra Confeccionais 2021, com o tema “A docência e a Economia Solidária: caminhos para reconstrução do Pacto Educativo Global”.

VÍDEO 2 DIALOGANDO SOBRE O TEMA

Em diálogo com as questões emergentes do nosso cotidiano e a temática proposta, no vídeo 2, Eliasaf Assis aprofunda a discussão inicial e ressalta que a Economia Solidária é uma mobilização, quase sempre coletiva, para tratar os processos produtivos e o consumo de forma humanizada, devendo envolver a todos nós.

VÍDEO 3 UM POUCO MAIS... ENTRE PERGUNTAS E RESPOSTAS

No vídeo 3, temos o momento de perguntas e respostas, em que o professor Eliasaf Assis retoma conceitos e ideias que foram destaque em sua abordagem, ampliando um pouco mais o diálogo.

**Click &
assista**



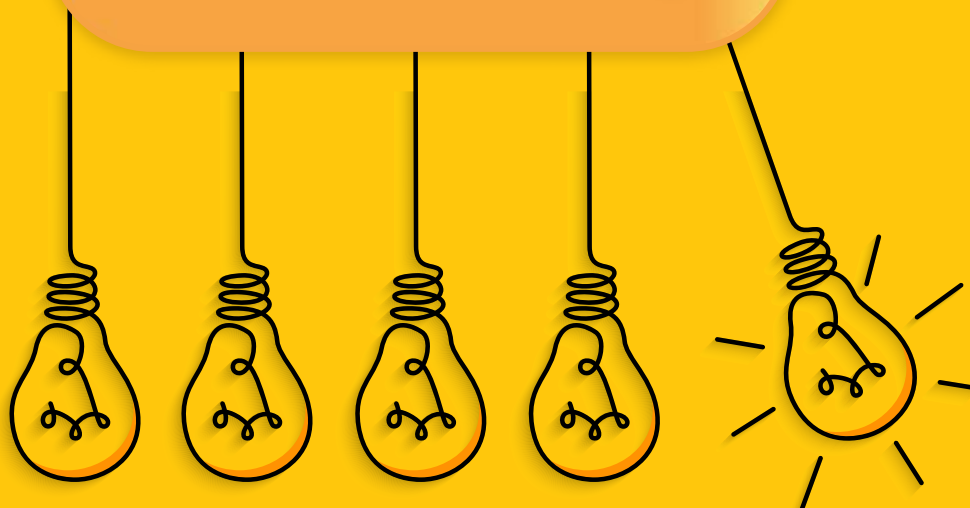
**Click &
assista**



**Click &
assista**



Ideias em destaque



01

Toda escolha que fazemos no consumo tem uma dimensão econômica, que, às vezes, nos passa despercebida. Até comer é um ato político, uma vez que nossas escolhas, quando existem, podem reforçar as relações perversas em que outras pessoas vivem.

02

Poderíamos resumir a Economia Solidária como uma mobilização, quase sempre coletiva, para tratar os processos produtivos e o consumo de forma humanizada. Essa conceituação, embora didática, não apresenta um retrato suficiente; por isso, convém observar mais atentamente, na prática, como a Economia Solidária se constitui na realidade social. Ela se externaliza em fenômenos muito concretos: associações de trabalhadores do mesmo setor, cooperativas agrícolas de lavradores, cooperativas de crédito, grupos de compra coletiva de alimentos ou mesmo o ato individual de boicotar produtos que exploram trabalhadores.

03

Um ato de Economia Solidária é caracterizado pela promoção da inclusão social. Ele sempre será uma versão alternativa da economia liberal fundamentada no protagonismo dos indivíduos, dos “empreendedores”. Solidarizar-se economicamente é uma busca pela emancipação do coletivo. É o ato em que aqueles que se solidarizam buscam não apenas os próprios interesses, mas o bem comum.

Para saber mais

CALLIARI, Ginetta. O Evangelho: Força dos pobres. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 4ªEd., 2001.

GULLAR, Ferreira. Toda poesia. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARTINS, C. et al. Economia de Comunhão e Economia Solidária: uma distinção de conceitos. In: ANPAD, 27. Anais..., 2006.

SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SMITH, A. A Riqueza das Nações: Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas. São Paulo: Abril Cultural, 1982. v. 1.

Documentos, mídias on-line e sites consultados

Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/10/enanpad2006-aps-0853.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sete-conceitos-e-ideias-centrais-da-enciclica-laudato-si-sobre-o-cuidado-da-casa-comum/>. Acesso em: 13 set. 2021.

PODCAST “Maria vai com as outras”, de Branca Vianna.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/maria-vai-com-as-outras-6-vida-no-campo/>. Acesso em: 8 ago. 2021.



Caminhos para a trilha formativa

Dica: experiência

Uma das características de uma boa trilha formativa é sua capacidade de possibilitar experiências afetivas e efetivas. Para que o trabalho seja uma fonte de experiências, deve ser pensado de modo que envolva e afete os envolvidos.

Sugestão:

pesquisa, diálogo, problematização e articulação do conceito de “Economia Solidária”.
(Sugestão de atividade para estudantes e professores)



Caminhos para a trilha formativa

Vejamos possibilidades práticas para ações educativas sobre Economia Solidária.

Um alerta: como você sabe, a aprendizagem é potencializada pelo uso de metodologias ativas. Então, deixe os alunos porem a mão na massa! Dê as dicas iniciais e coloque-os para trabalhar! Eles podem pesquisar, levantar dados, até fazer entrevistas.

Colher exemplos

Vimos, no texto base, o exemplo de Nana, a cultivadora. Como esses, há diversos outros disponíveis na internet. Sugira uma pesquisa e, se possível, a gravação de uma entrevista – isso é mais possível com a tecnologia. Existem experiências em que a entrevista é feita por áudios – em WhatsApp, por exemplo.

Estar perto da gente

- Está perto da gente
Às vezes, procuramos longe o que está perto da gente. Grupos de compra coletiva, ações paroquiais, cooperativas de reciclagem e outros exemplos podem existir na sua cidade ou perto dela. Tente informar-se primeiro e, caso tenha alguma pista, coloque seus alunos para investigar. Embora tímidos ao início, eles adoram projetos assim, e aprendem muitas habilidades relacionais no processo.

Leitura, reflexão e seminários

Sobre desenvolvimento comunitário
No livro O Evangelho, Força dos pobres, você e seus alunos verão uma coletânea de histórias com testemunhos de missionários focolarinos. As histórias são vibrantes, em especial para adolescentes e jovens adultos.

CALLIARI, Ginetta. O Evangelho, Força dos pobres. Editora Cidade Nova. 4ª Ed, 2001.

Caminhos para a trilha formativa

Você pode se organizar assim:

- Separe um capítulo por grupo.
- Oriente-os a ler, debater sobre o texto e resumir a história (Tudo isso em casa. A Sala de Aula Invertida é uma metodologia ativa de trabalho.)
- Peça que apresentem na sala, narrando as histórias para os colegas. Podem usar técnicas de storytelling pra isso, de modo a evitar um seminário muito rígido.

A educação que precisamos hoje, portanto, deve ser capaz de confrontar com esta nova “idolatria do eu” e encontrar as palavras certas para devolver a todos a originalidade e beleza da vocação humana nos confrontos do outro e do seu destino. “Juntos” é a palavra que tudo salva e tudo realiza.

Pacto Educativo Global, *Instrumentum Laboris*, p. 7.



Identidade Institucional e Economia Solidária: a excelência educacional nos caminhos da “excedência da graça”

Rodinei Balbinot

Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2005), pós-graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (2010); aperfeiçoamento em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2003), graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1995) e graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo (1999). Foi diretor e gestor do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo de maio de 2005 a março de 2008, onde coordenou o processo de credenciamento da IES junto ao MEC, bem como o processo de autorização do Curso de Teologia Pastoral. Na instituição, também coordenou a pós-graduação em Metodologia do Ensino Religioso e a pós-graduação em Metodologia Pastoral. É colunista da Revista Paróquias e Casas Religiosas e do Jornal Diocesano de Chapecó. É diretor geral da Rede Santa Paulina – Educação. Ainda, fundador da Empresa Sapiência Desenvolvimento Profissional e Gerencial, que atua exclusivamente no segmento educacional. Tem experiência na área de Gestão Educacional e Filosofia da Educação. Realiza desenvolvimento profissional e gerencial em gestão educacional, metodologia pastoral, educação e espiritualidade, filosofia da educação, ensino religioso, escola em pastoral e pastoral escolar, planejamento estratégico.

Agradeço, inicialmente, ao convite para participar desta Trilha Formativa do Integra Confessionais. Somos sempre, e em toda a parte, aprendizes; seres em construção, que se educam em comunhão, buscando sempre a humanização, como sempre enfatizava com maestria Paulo Freire.¹

O tema catalizador de toda a Trilha Formativa é a Economia Solidária. “Economia” vem de oikos (“casa”) e nomos/nomein (“gerenciar, ordenar”). Se pensarmos globalmente, economia é a ciência, a arte, a sabedoria de gerir nossa casa comum. Economia Solidária é um modo singular de gerir o mundo, que se baseia no cuidado, na justiça, no amor, na cooperação, na equidade, na sustentabilidade. Isso se aplica às diversas instâncias de gestão, começando pela familiar, institucional/empresarial, comercial, e atingindo também os diversos âmbitos do Poder Público.

Precisamos falar de Economia Solidária, primeiro, porque o mercado a monetizou excessivamente, tomando-a toda pelo seu aspecto financeiro e, segundo, porque é necessário repor o sentido mais originário e autêntico da economia, também contemplando seu aspecto teológico.

E o que a Economia Solidária tem a ver com a identidade de uma instituição católica? De que modo a dimensão solidária da economia institucional possibilita caminhos para promoção e fortalecimento da excelência?

Essas duas questões balizam nossa reflexão.

¹ Comemoramos em 19 de setembro deste 2021 os 100 anos de Paulo Freire.

Economia Solidária da salvação

São Pedro, na sua primeira carta, diz aos cristãos da diáspora, no final do primeiro século: “como bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu” (1Pd 4,10). Nesse texto, aparecem três termos centrais para a compreensão da relação entre economia da salvação e identidade: *chárisma* (dom), *diakonía* (serviço) e *oíkonómoi* (administradores). Vamos em busca das raízes de nossa identidade, desde a iniciativa de Deus em revelar-se (graça) e de nossa capacidade sempre limitada em servi-lo (administradores).

A revelação não é um evento que se perde no passado, senão uma experiência que continuamente se renova. Ou seja, Deus não se revelou, Ele se revela. E, portanto, sua presença permanece acontecendo.

As Congregações e Instituições religiosas nascem de uma experiência de revelação. De um lado, temos Deus Trindade, cuja natureza é o revelar-se (DV, n.1; Ef 1,9); de outro, o ser humano (fundadores e fundadores), que, aberto ao mundo, vê, sente e se mobiliza em relação aos clamores da realidade. A experiência da graça, iniciativa de Deus e resposta humana, emerge como propósito de serviço. Um serviço que se faz em comunhão, participação e testemunho – dom colocado à disposição dos outros. A economia da salvação, a este modo, é uma economia de comunhão, sempre solidária, nunca egoísta, pois é sinal de um Deus comunidade, que jamais permanece indiferente ao seu povo (Êx 3).

É importante notar que o fato originário da experiência de revelação que dá início a um serviço, a uma obra e, posteriormente, a uma Congregação não se esgota no tempo. Deus

se faz história, se encarna e arma a sua tenda entre nós (Jo 1,14), mas isso não quer dizer que Ele se consome naquele tempo, senão que o tempo da experiência ganha uma qualidade nova – se faz *kairós*, momento certo, tempo oportuno.

Deus continua se revelando em nossa casa comum, sendo Ele, pela Divina Providência, um dispensador (administrador) contínuo da graça abundante da vida. Além de, por seu Espírito, encher “o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo” (LS, n. 80), Deus se faz presente em todo o tempo. Como bem diz o Papa Francisco, “Deus é sempre jovem”.

Se, de um lado, Deus se faz presente, Ele mesmo, revelando-se e, de outro, está, por seu Espírito, como potencialidade de vida em todas as coisas, cada um de nós, suas filhas e seus filhos, somos codispensadores da graça por meio dos dons que recebemos e pelo mandato recebido em Gênesis: “sede fecundos e cuidai da terra” (Gn 1, 28). Deus não apenas está, mas é conosco. E nisso consiste a economia da salvação, pois somos templo do Espírito Santo (1Cor 6,19), herdeiros da esperança da vida (Tt 3,7), concidadãos dos santos e membros da família de Deus (Ef 2,19), cooperadores de Deus (1Cor 3,9), arquitetos da casa comum; segundo sua graça (1Cor 3,10), pedras vivas do edifício espiritual (1Pd 2,5), sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13.14), administradores da graça multiforme de Deus (1Pd 4,10).

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração,

às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas (GS, n. 4).

A economia da salvação, portanto, é a confluência do plano de Deus presente desde a criação e encarnado em Jesus Cristo, com a resposta humana dada como um sim à cooperação criativa.

Os fundadores e as fundadoras das Congregações e Instituições souberam ler os sinais dos tempos e responder de modo adequado. Da sua resposta é que se constrói a economia da salvação, singularmente relacionada a cada carisma, demonstrada em cada forma de presença missionária. Na história de cada Congregação, portanto, temos uma trilha da economia da salvação, uma entre muitas formas da graça divina.

Cada identidade institucional Católica é, neste sentido, administradora da multiforme graça de Deus, enquanto compartilha da grande missão de cuidar e promover a vida e, ao mesmo tempo, gesta, vive e gere a singularidade do seu carisma, exalando uma fragrância determinada desse perfume de salvação (2Cor 2,14).

A excelência educacional nos caminhos da excedência da graça

O subtítulo desta parte da Trilha Formativa remete à excelência educacional nos caminhos da excedência da graça. Depois de caminhar pelas veredas da economia da salvação e compreendermos sua dimensão de solidariedade global ou fraternidade universal, devemos inserir a excelência na dinâmica da vida, para além da visão mercadológica e utilitarista.

O carisma é, antes de tudo, graça. Graça somente pode ser compreendida e vivida dentro da arquitetura da gratuidade, da kenosis (“esvaziamento”) (Fl 2, 6-11). Como bem expressa Bento XVI, “Por sua natureza, o dom ultrapassa o mérito; a sua regra é a excedência” (CV, n. 34). Sim! É isso mesmo, excedência, de exceder, pois a graça de Deus é sempre abundante em todas as coisas, ela excede o limite da capacidade. Todas as vezes que a limitamos, deixamos de compreender o alcance da missão. A excelência da missão, por assim dizer, se realiza de modo mais eficaz e pleno na excedência da graça.

Não obstante o visível progresso material e técnico, ainda assistimos à crescente miséria social. O que Paulo VI disse em 1967, na *Populorum Progressio*, que “Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão [...]” (PP, n. 3), temos de tomar como atual.

Neste início de novo milênio, o mundo assiste ao colapso ecológico; a uma onda nunca vista de povos inteiros em rota de refúgio; miséria, fome, epidemias, pandemia, desemprego; taxas crescentes e assustadoras de suicídio entre crianças e jovens, de modo especial em países ricos. É o próprio Cristo que sofre nestes flagelos humanos (Mt 25, 34-45). Como não estremecer diante de tantos clamores e gritos por vida? Qual nossa resposta, como Escolas Católicas, a estes sinais dos tempos?

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, anuncia de modo profético os quatro “nãos” que precisamos ter a coragem de dizer ao modelo econômico atual: não a uma economia de exclusão (EG, n.

53-54), não à nova idolatria do dinheiro (EG, n. 55-56), não a um dinheiro que governa em vez de servir (EG, n. 57-58), não à desigualdade social que gera violência (EG, n. 59-60).

Diante de um mundo ainda marcado por tão grandes contradições, a educação é, de fato, uma questão de urgente gravidade, como já disse a Declaração Gravissimum Educationis – Sobre a educação Cristã. Dela nasce a nova humanidade e, por isso, tem ela uma missão salvífica nobre e necessária. Mas, para que a educação seja uma experiência de economia de salvação, tem de, a exemplo da Igreja, aggiornar-se constantemente.

Em uma economia solidária da salvação, que leve a excelência da educação ao encontro da excedência da graça, vislumbramos os seguintes 7 caminhos.

- **Caminho 1:** revitalizar as potencialidades do carisma: como Deus sempre se revela nas potencialidades do seu espírito presentes na criação, temos uma tarefa permanente de interpretar os sinais dos tempos. No tempo histórico (Kronos), ver os sinais da revelação divina, o tempo de Deus (Kairós). A isso que Pedro denominou de oikoinómoi, administradores da multiforme graça de Deus. Uma das formas de sua graça é a do carisma de cada uma das congregações, de onde brota a água viva, fonte da identidade institucional. Somos nós ecônomos/as de Deus. Quais as respostas que Deus nos inspira a dar diante dos clamores do nosso tempo? Cabe-nos visibilizar, por nossa forma de ser e agir no mundo, a graça como dom e serviço. A educação é um dos serviços por meio do qual administramos a graça divina, segundo o dom que nos foi dado. Assim, entregamos ao mundo a alegria do Evangelho, que sempre se atualiza e se renova. Quando buscamos “de todo o coração, de toda a alma, com toda a força, de todo o entendimento” (Lc 10,27) a excedência da graça, encontramos com a

razão de nossa existência e o propósito para o qual fomos criados: gerarmos vida em abundância para todos (Jo 10,10).

- **Caminho 2:** ressignificar o conceito de excelência: de uma excelência ainda excessivamente intelectual e acadêmica, para uma excelência integral, que contemple o desenvolvimento de todas as dimensões da pessoa e se reconcilie com a excedência da graça. Processos educacionais que desenvolvam a excelência intelectual, emocional, social, cultural e espiritual. A Carta Encíclica sobre o desenvolvimento dos povos propôs:

Se a procura do desenvolvimento pede um número cada vez maior de técnicos, exige cada vez mais sábios, capazes de reflexão profunda, em busca de humanismo novo, que permita ao homem moderno o encontro de si mesmo, assumindo os valores superiores do amor, da amizade, da oração e da contemplação. Assim poderá realizar-se em plenitude o verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e para cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas. (PP, n. 20).

O conhecimento transformado em tecnologia e utilizado para benefício de poucos é o que o Papa Francisco chamou de “paradigma tecnocrático dominante”, segundo ele, “um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até o ponto de arruiná-la” (LS, n. 101). Ou seja,

uma economia da destruição, em vez de uma economia da salvação. A excelência educacional católica deve mirar um conhecimento integral, que integra todas as dimensões, capaz de transformar-se em sabedoria – o ponto mais próximo entre a inteligência humana e a sapiência divina. Quando a excedência da graça atinge a essência da educação, todos os envolvidos “expandem em toda a parte o perfume do conhecimento” (2Cor 2,14).

- **Caminho 3:** recuperar as forças e restabelecer o ânimo: a pandemia foi uma ruptura do atual paradigma econômico (no sentido originário do termo). Embora ouvíssemos os sussurros da casa comum a reclamar cuidado, dos pobres famintos a pedir de comer, dos sedentos a pedir água, dos presos a clamar por liberdade, o mundo seguia o seu curso, deixando os gritos se perderem na escuridão da história. A pandemia foi como um grande PARE. Mas, no trem da história, não é possível simplesmente descer, é necessário seguir; contudo, não devemos aceitar seguir do mesmo jeito. Precisamos mudar. Não podemos seguir fazendo o mesmo que fazíamos. É necessário fazer mais e melhor; resgatar a alegria do Evangelho para encher o coração e a vida de um novo ânimo. Não basta desejarmos recuperar o número de alunos do período anterior à pandemia, as receitas, a entrega da equipe. É necessário garantir a excedência da graça na excelência do serviço. Quando a excedência da graça faz novas todas as coisas, cada educador/a, cada educando/a se torna sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13.14).

- **Caminho 4:** reorganizar e celerizar políticas, processos, recursos: a chave da gestão em tempos difíceis é a celeridade – processos eficazes, envolvendo recursos necessários, com resultados expressivos. Importante verificar todos os tipos de desperdícios e “consumismos hedonistas” que incorporamos

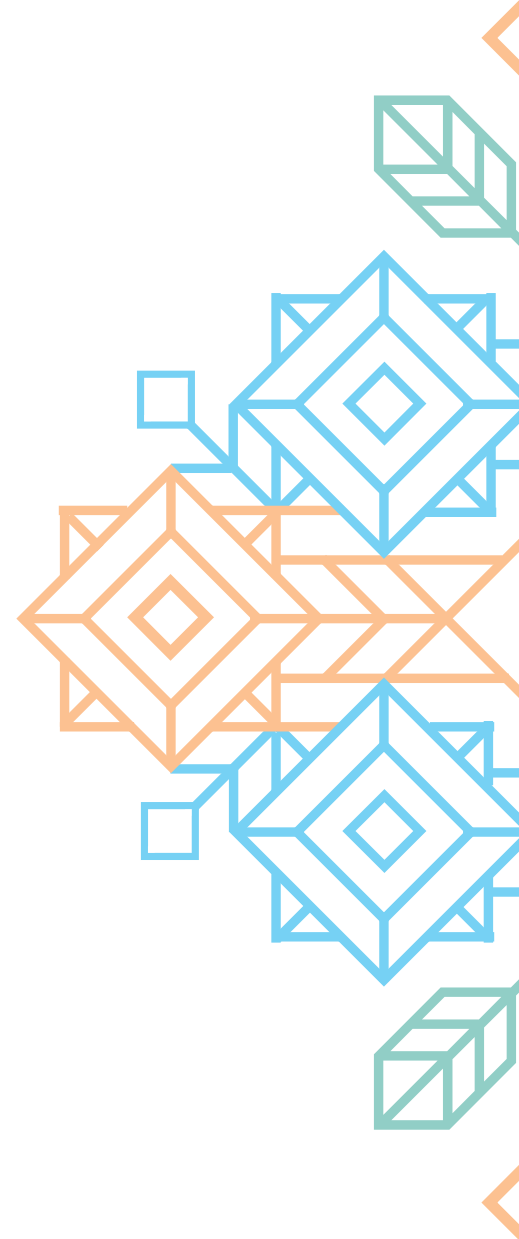
em nossas práticas organizacionais, desde o desperdício de forças humanas até o desperdício de recursos materiais. Uma economia da salvação solidária exige que nossas práticas sejam todas sustentáveis. Quando a excedência da graça consegue transpassar a excelência da gestão, a semente lançada produz mais do que o esperado (Mc 4,8).

- **Caminho 5:** recriar a singularidade do carisma em pedagogias diferenciadas: como bem disse São Pedro, a graça é multiforme. Para São Paulo, a graça é abundante. Assim, por meio da busca aprofundada das singularidades do carisma, atingimos, na essência da pedagogia da graça, a fragrância da pedagogia própria de cada carisma. Ao se revelar e permitir a encarnação da graça, a mensagem divina se torna pedagogia. É uma diaconia da graça revelar ao mundo o modo de ser próprio de cada Chárisma. Quando a excedência da graça inspira todos os processos de aprendizagens, os talentos distribuídos são multiplicados (Mt 25,20).

- **Caminho 6:** reinventar, em comunhão, processos de aprendizagem que testemunhem uma nova economia: hoje há uma busca interessante por bi e trilinguismo, trilhas de aprendizagens, ambientes criativos, empreendedorismo, projeto de vida, participação na sociedade e propostas de solução a problemas da comunidade. As escolas e redes que mais se destacarão num futuro bem próximo não serão aquelas que mais aprovam nos vestibulares – isso será visto como consequência –, mas as que se singularizam pela relevância social, aquilo que toda a comunidade escolar representa à sociedade e ao mundo. Bons exemplos dessa relevância encontramos na Economia de Francisco (francescoeconomy.org). Quando a excedência da graça se encarna na vida de educandos/as e educadores/as, todos se saciam e ainda sobram 12 cestos (Jo 6,13).

- **Caminho 7:** reimpulsionar o dinamismo missionário: praticamente todas as congregações religiosas vivem um período de grande impulso e expansão missionária. Há algum tempo, sofrem com a falta de vocações, a diminuição de religiosos/as; algumas, com insuficiência de recursos para manter a missão. Ao que parece, o novo dinamismo missionário envolverá uma economia de salvação solidária de comunhão entre as diversas congregações, pondo em comum toda a abundância que a graça multiforme gerou. Quando a excedência da graça motiva novas saídas missionárias, interprovinciais e intercongregacionais, “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os problemas são evangelizados” (Mt 11,5).

Sejamos também nós “bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu” (1Pd 4,10).



Identidade Institucional e Economia Solidária: a excelência educacional nos caminhos da “excedência da graça”



Rodinei Balbinot

Assista aos vídeos de apresentação do tema desenvolvido durante o quarto Webinar da TRILHA FORMATIVA INTEGRA CONFESSIONAIS

VÍDEO 1 PRELEÇÃO

No vídeo 1 você pode acompanhar a preleção feita por Rodinei Balbinot no quarto evento da Trilha Formativa Integra Confeccionais 2021. Rodinei Balbinot, a partir da sua grande experiência na área de gestão educacional, trata da relação entre identidade institucional e Economia Solidária.

VÍDEO 2 DIALOGANDO SOBRE O TEMA

Em diálogo com as questões emergentes do nosso cotidiano e a temática proposta, no vídeo 2, Rodinei Balbinot amplia a discussão inicial a partir de duas questões balizares: o que a Economia Solidária tem a ver com a identidade de uma instituição católica? De que modo a dimensão solidária da economia institucional possibilita caminhos para promoção e fortalecimento da excelência?

VÍDEO 3 UM POUCO MAIS... ENTRE PERGUNTAS E RESPOSTAS

No vídeo 3, temos o momento de perguntas e respostas. Rodinei Balbinot retoma conceitos e ideias levantadas ao longo de sua fala, aprofundando a discussão.

**Click &
assista**



**Click &
assista**



**Click &
assista**



Ideias em destaque

01

Se pensarmos globalmente, economia é a ciência, a arte, a sabedoria de gerir nossa casa comum. Economia Solidária é um modo singular de gerir o mundo, que se baseia no cuidado, na justiça, no amor, na cooperação, na equidade, na sustentabilidade.

02

A revelação não é um evento que se perde no passado, senão uma experiência que continuamente se renova. Ou seja, Deus não se revelou, Ele se revela. E, portanto, sua presença permanece acontecendo.

03

Diante de um mundo ainda marcado por tão grandes contradições, a educação é, de fato, uma questão de urgente gravidade, como já disse a “Declaração Gravissimum Educationis – sobre a educação cristã”. Dela, nasce a nova humanidade e, por isso, tem ela uma missão salvífica nobre e necessária. Mas, para que a educação seja uma experiência de economia de salvação, tem de, a exemplo da Igreja, aggiornar-se constantemente.



Para saber mais

BENTO XVI. Carta Encíclica Caritas in Veritate – sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 21 set. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Economia a serviço do carisma e da missão. Boni dispensatores multiformis gratiae (1Pd 4,10). Brasília: CNBB, 2018. (Documentos da Igreja, 45).

FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si' – sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 21 set. 2021.

_____. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 21 set. 2021.

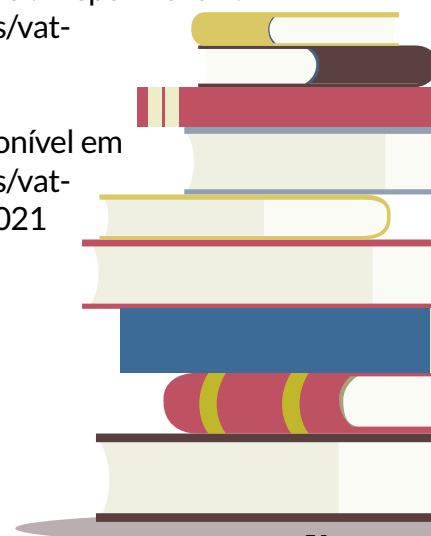
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

PAULO VI. Carta encíclica Populorum Progressio – sobre o desenvolvimento dos povos. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 21 set. 2021.

_____. Constituição Dogmática Dei Verbum – sobre a divina revelação. Disponível em <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 21 set. 2021.

_____. Constituição Pastoral Gaudium et Spes – Sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 21 set. 2021.

_____. Declaração Gravissimum Educationis – sobre a educação cristã. Disponível em <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html>. Acesso em: 21 set. 2021



Caminhos para a trilha formativa

Dica: aprendizado contínuo

Uma trilha formativa efetiva não se encerra em uma atividade pontual. Ela suscita interesse e curiosidade, levando a desdobramentos e novas buscas.

Em outras palavras, uma boa trilha não leva a um destino final de conhecimento; ela abre perspectiva de criação de outras trilhas, gerando aprendizado contínuo.

Sugestão: trabalho em grupo, pesquisa, diálogo sobre a relação entre identidade institucional e Economia Solidária.

(Sugestão de atividade que pode ser adaptada para todos os grupos que formam as comunidades educativas.)



Oficina de conceitos

Primeiro encontro: nuvem de conceitos

Depois da leitura dirigida e comentada do texto “Identidade institucional e Economia Solidária: a excelência educacional nos caminhos da “excedência de graça”, de Rodinei Balbinot, o facilitador pode pedir aos participantes que elenquem os conceitos teóricos, eclesiais, educacionais e/ou bíblicos que aparecem no texto e sobre os quais julguem importante pesquisar, aprofundar e discutir um pouco mais.

Esse levantamento pode ser feito manualmente, anotando-se os conceitos em um quadro ou cartaz, verificando, ao final, os que mais se repetem. O levantamento pode ser feito também de forma bastante interativa, com a utilização de sites e aplicativos de formação de “nuvens de palavras”.

De acordo com o tamanho do grupo, e a quantidade de novos encontros possíveis, os participantes definem quantos conceitos serão aprofundados. Os conceitos podem ser distribuídos para duplas que se encarregarão de preparar e conduzir o aprofundamento nos encontros seguintes. Dependendo do tempo de cada encontro, o grupo deve estabelecer quantos conceitos serão estudados.

O facilitador pode propor que os participantes assistam aos vídeos da trilha para melhor preparação aos encontros seguintes.



Demais encontros...



ideias possíveis

Cada dupla apresenta de modo criativo o conceito sobre o qual ficou encarregada de aprofundar-se e propõe a dinâmica que escolheu para a interação do grupo. A dupla pode preparar e enviar para leitura prévia um material de pesquisa. Ou pode previamente indicar vídeos, músicas ou outros artefatos culturais que possam ser usados na preparação do grupo e na dinamização do encontro.

Uma possibilidade é a dupla encarregada convidar pessoas que dominem bem o conceito para participar. Uma religiosa pode aprofundar os conceitos de carisma, missão e identidade em relação à instituição. Um sacerdote ou teólogo pode fazer uma reflexão sobre os conceitos de graça e economia da salvação. Um gestor e/ou um educador podem ser convidados para falar de excelência institucional, excelência educacional etc.


Demais encontros...

Outra possibilidade é a preparação de uma visita à “exposição de conceitos”.

As duplas responsáveis pelo encontro podem organizar uma sala de exposição. Juntos aos conceitos, podem ser colocados cartazes com explicações breves, nas paredes, no piso, no teto, nos móveis. Podem ser utilizados símbolos, objetos, imagens impressas ou projetadas, estímulos sonoros. O importante é inserir cores, diferenciar formas e tamanhos, gerando uma diversidade de estímulos.

Os participantes devem ser convidados a um passeio livre ou guiado pelo espaço da exposição e incentivados à exploração, troca de ideias e impressões. Depois do período de visitação, em uma roda de conversa, os conceitos podem ser retomados e discutidos com a mediação das duplas responsáveis.





**Sugestão
de material
de pesquisa:**

**Sugestão de material
de pesquisa:**

ANEC - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL. Dicionário do Pacto Educativo Global. Disponível em: <<https://anec.org.br/biblioteca/dicionario-do-pacto-educativo-global/>>.

PAULO VI. Declaração Gravissimum Educationis - sobre a educação cristã. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html>.

